

**FACULDADES INTEGRADAS “ANTÔNIO EUFRÁSIO DE TOLEDO”**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS E ADMINISTRATIVAS**  
**DE PRESIDENTE PRUDENTE**

**CAMELÔS, CAMELÓDROMO E INFORMALIDADE: UM ESTUDO**  
**SOBRE O TRABALHO INFORMAL NO COMÉRCIO DE**  
**PRESIDENTE PRUDENTE**

Daniele Aparecida Gonçalves Gregório

Presidente Prudente/SP  
2002

**FACULDADES INTEGRADAS “ANTÔNIO EUFRÁSIO DE TOLEDO”**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS E ADMINISTRATIVAS**  
**DE PRESIDENTE PRUDENTE**

**CAMELÔS, CAMELÓDROMO E INFORMALIDADE: UM ESTUDO**  
**SOBRE O TRABALHO INFORMAL NO COMÉRCIO DE**  
**PRESIDENTE PRUDENTE**

Daniele Aparecida Gonçalves Gregório

Monografia apresentada como requisito parcial de Conclusão de Curso em Ciências Econômicas, para obtenção do grau de Bacharel, sob orientação do Prof. Dr. Alberto Albuquerque Gomes.

# **CAMELÔS, CAMELÓDROMO E INFORMALIDADE: UM ESTUDO SOBRE O TRABALHO INFORMAL NO COMÉRCIO DE PRESIDENTE PRUDENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Albuquerque Gomes

Prof. Wilson de Luces Fortes Machado

Presidente Prudente, 22 de novembro de 2002

## DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a meus pais, Lúcia Maria e Manoel Gregório, que nos momentos de cansaço e angústia me mostraram que o mais importante é que sempre é possível e necessário "recomeçar".

Aos meus irmãos Renata e Luciano, pelo carinho e apoio.

Aos meus sobrinhos, Pedro Henrique, Caroline, Beatriz e Caio, que me fazem ter esperanças na vida e acreditar no "amanhã".

Aos amigos, pela paciência e compreensão, o mundo seria diferente se vocês não existissem.

E dedico este trabalho em especial ao Prof. Alberto Albuquerque, pelo carinho e paciência com que me auxiliou, pela dedicação e envolvimento fazendo do sonho "a realidade".

## RESUMO

No presente trabalho se trata sobre o desenvolvimento do trabalho informal em Presidente Prudente buscando compreendê-lo no contexto capitalista, especialmente em tempos de neoliberalismo.

Assim sendo, pretende-se demonstrar como se desenrola esta trama no cotidiano do “camelódromo” – denominação assumida pelos comerciantes informais e pelos consumidores – com seus atores, seu enredo e seu drama.

Caracterizando os camelôs alocados no “camelódromo” da Cidade de Presidente Prudente, procurando analisar os fatores que levam ao crescimento do trabalho informal.

Partindo de uma abordagem histórica sobre a dinâmica do mundo capitalista buscando a compreensão da formação do trabalho informal dentro da economia da cidade.

No trabalho ainda se define a trajetória dos camelôs, após conflito social com o poder público que, pressionados pelo comércio formal, passaram a comercializar seus produtos no “camelódromo”.

A pesquisa conta com o auxílio de 102 questionários aplicados para traçar o perfil socioeconômico dos trabalhadores informais e ainda com seis entrevistas semidirigidas, nas quais, valorizando a “fala” dos entrevistados, procura compreender a vida econômica e social dos personagens.

A partir dos dados levantados se pode inferir que a organização de espaços como o “camelódromo” obedecem a uma lógica própria da cidade moderna que tende a segregar certos segmentos em espaço rigidamente demarcados com o fim de estabelecer a “ordem” da cidade.

Ao examinar o perfil da população trabalhadora no “camelódromo” percebemos que tratam-se de trabalhadores semi-qualificados, com razoável nível de escolaridade, oriundos do comércio formal. Entretanto, a escolaridade e a experiência profissional anterior não lhes garantiu a permanência no mercado forma de trabalho, obrigando-os a buscarem a informalidade como alternativa de sobrevivência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho informal; Camelódromo; Camelô; Trabalho.

## ABSTRACT

The present research aims to study the development of the informal labor in Presidente Prudente looking for understand it in the capitalist context, especially in times of neo liberalism.

Like this being, we intended to demonstrate as this plot is uncoiled in the daily of the "camelódromo" - denomination assumed by the informal merchants and for the consumers - with their actors, yours plot and yours drama.

We characterized the street vendors allocated in the "camelódromo" of the Presidente Prudente city, trying to analyze the factors that take to the growth of the informal labor.

We left of a historical approach on the dynamics of the capitalist world looking for the understanding of the formation of the informal labor inside of the economy of our city.

The research still defines the street vendors' path that after social conflict with the public power, that, pressed by the formal trade, they started to market their products in the "camelódromo."

The research bill with I aid him of 102 applied questionnaires to draw the informal laborers' socioeconomic profile and still with six interviews, in the ones which, valuing the interviewees' "speech", we tried to understand the characters' economical and social life.

Starting from the lifted up data we can infer that the organization of spaces as the "camelódromo" obey an own logic of the modern city that it tends to segregate certain segments in space rigidity demarcated with the end of establishing the "order" of the city.

To the we examine the profile of the hard-labors population in the "camelódromo" noticed that it is taken care of semi-qualified laborers, with reasonable education level, originating from of the formal trade. However, the education and the previous professional experience didn't guarantee them the permanence of the market forms of labor, forcing them look for her the informality as survival alternative.

**KEYWORDS:** Informal labor; Camelódromo; Street vendor; Labor.

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
1.1 Apresentação .....	25
1.2 Metodologia da pesquisa .....	27
<b>2. O CENÁRIO DA PESQUISA .....</b>	<b>31</b>
2.1 O cenário nacional .....	31
2.2 Cenário local .....	34
<b>3. O “CAMELÓDROMO E SEUS ATORES.....</b>	<b>36</b>
<b>4. OS PROTAGONISTAS POR SI MESMOS .....</b>	<b>51</b>
4.1. Mercado formal <i>versus</i> mercado informal: porque trabalhar no “camelódromo” .....	51
4.2. O “camelódromo” como local de trabalho .....	54
4.3. As relações sociais no “camelódromo” .....	57
4.4. Os camelôs e suas mercadorias maravilhosas: quem quer comprar? .....	58
<b>5.BREVES CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>63</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1. MAPA DO ESTADO DE SÃO PAULO.....	20
FIGURA 2. QUADRILÁTERO CENTRAL PRESIDENTE PRUDENTE .....	22
GRÁFICO 1 - TAXA DE DESEMPREGO ABERTO COM AJUSTE SAZONAL - SETEMBRO/2001 À SETEMBRO/2002 .....	33
TABELA 1 – SEXO DOS ENTREVISTADOS .....	38
TABELA 2 – FAIXA ETÁRIA DOS ENTREVISTADOS.....	38
TABELA 3 – ESTADO CIVIL DOS ENTREVISTADOS .....	40
TABELA 4 – CIDADE DE ORIGEM DOS ENTREVISTADOS .....	40
TABELA 5 – TIPO DE RESIDÊNCIA DOS ENTREVISTADOS.....	41
TABELA 6 – TEMPO DE RESIDÊNCIA DOS ENTREVISTADOS .....	41
TABELA 7 – ESCOLARIDADE DOS ENTREVISTADOS.....	42
TABELA 8 – FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS ENTREVISTADOS .....	43
TABELA 9 – QUANTIDADE DE PESSOAS NA FAMÍLIA DOS ENTREVISTADOS .....	43
TABELA 10 – QUANTIDADE DE ESTUDANTES NA FAMÍLIA DOS ENTREVISTADOS .....	43
TABELA 11 – QUANTIDADES DE DONOS DE BOX .....	44
TABELA 12 – NÚMERO DE TRABALHADORES POR BOX .....	45
TABELA 13 – GANHO MENSAL DOS ENTREVISTADOS .....	45
TABELA 14 – NÚMERO DE ENTREVISTADOS QUE CONTRIBUEM COM O INSS .....	46
TABELA 15 – ENTREVISTADOS COM OCUPAÇÃO EM OUTRO RAMO .....	46
TABELA 16 – TEMPO DE TRABALHO NO RAMO .....	46
TABELA 17 – TEMPO DE TRABALHO NO LOCAL.....	47
TABELA 18 – MEIO DE LOCOMOÇÃO DOS ENTREVISTADOS .....	47
TABELA 19 – TIPO DE MERCADORIA COMERCIALIZADA .....	49
TABELA 20 – PROCEDÊNCIA DA MERCADORIA COMERCIALIZADA .....	49
TABELA 21 – ENTREVISTADOS QUE COMPRAM MERCADORIA PARA REVENDER .....	49
TABELA 22 – ENTREVISTADOS QUE PENSAM EM PROCURAR OUTRA OCUPAÇÃO .....	50



# 1.INTRODUÇÃO

Para compreender o processo de constituição do mercado de trabalho informal nas economias capitalistas é de fundamental importância analisar tais economias do ponto de vista da sua gênese e desenvolvimento.

No século XVIII, a burguesia emergente enriquece, dedicando-se ao comércio em larga escala, primeiramente na própria Europa e logo após se expandindo pelo resto do mundo. Passaram a criar manufaturas e a contratar artesãos para produzi-las, substituindo o antigo vínculo de servidão feudal pelo trabalho assalariado. Com o aumento do mercado de trabalho, aumentaram também o volume de dinheiro, o mercado de consumo e a necessidade de ampliação do sistema de manufaturas.

Tal processo provocou a Revolução Industrial, ocorrida nos séculos XVIII e XIX, com a mecanização das fábricas, caracterizando assim a difusão do método de produção capitalista.

O mecanismo ou acumulação originária, iniciava um amplo processo de europeização no mundo. Simultaneamente, a Europa sentia que se transformava, em sua fisionomia social, econômica, política e cultural. Estava em marcha a revolução burguesa, atravessando países e continentes, sempre acompanhadas de surtos de contra-revolução. IANNI (1988, p.12).

O trabalho assalariado no desenvolvimento da sociedade vai tomando forma. No sistema capitalista, a característica predominante é a divisão da sociedade entre capitalistas e trabalhadores, ou seja, o trabalhador vende a sua força de trabalho e em troca o capitalista lhe paga salários, desencadeando assim um processo de desigualdade social, onde o capitalista, detentor dos meios de produção, utiliza os seus privilégios para se sobrepôr aos trabalhadores.

Este mecanismo é denominado divisão social do trabalho, onde a troca é condição fundamental para sua existência caracterizando-se, então, por um processo de desigualdade social que tem como principal característica uma economia que se divide em trabalhadores e capitalistas, onde os trabalhadores

são aqueles que possuindo somente a força de trabalho a vendem por salários para garantir sua sobrevivência, e os capitalistas, detentores dos meios de produção, contratam os trabalhadores para produzirem suas mercadorias e em troca lhes paga salários, tendo como finalidade a obtenção do lucro.

É dentro do sistema capitalista que ocorre a divisão social do trabalho, ou seja, o trabalhador deixa de produzir para a subsistência sua e de sua família e passa a trabalhar nas fábricas, comandadas pelos capitalistas, onde troca a sua força de trabalho por salários.

Um fator dentro do capitalismo que deve ser considerado como de alta importância é a subordinação do trabalho ao capital. O capitalismo tem interesse em que haja uma reserva de mão-de-obra, ou seja, uma reserva de trabalhadores desempregados os quais visam manter o salário estável ou em certo momento reduzido. Essa característica acentua ainda mais os índices de desemprego.

Devido à forte tendência de concentração de renda encontrada no sistema capitalista, a intervenção do Estado na economia se faz presente. Porém, os recursos que deveriam beneficiar a massa de desempregados são transferidos para outras áreas da economia e isso faz com que aumente ainda mais o número de desempregados, ocorrendo também a concentração da renda nas mãos de poucos.

No capitalismo, os meios de produção se tornam capital de propriedade dos capitalistas e o trabalho humano assume forma de mercadoria remunerada pelo trabalho assalariado, fato que permite afirmar que o capitalismo gera um círculo vicioso, onde o assalariado vende a sua força de trabalho para sobreviver, e o capitalista compra tal mercadoria para enriquecer. O trabalhador não produz para si, mas para o capital, ocorrendo uma subordinação do trabalho ao capital.

As mercadorias assumem papel importante dentro do capitalismo, incorporando valor de uso e valor de troca. O limite do capitalismo se dá perante o grau de mercantilização das relações do trabalho e ao mesmo tempo das relações entre as pessoas. O trabalho humano é visto como fonte de valor. A mercadoria descaracteriza o trabalho individual, onde o processo de produção domina o homem e não ao contrário.

O capitalismo tem toda a sua estrutura voltada para acumulação, assume o papel de concentrar e desenvolver os meios de produção, revoluciona o modo de vida e de cultura da sociedade. Dentro do sistema capitalista as crises são freqüentes provocando falências, desemprego e inflação em boa parte das economias do mundo.

O processo de transição para o trabalho assalariado no Brasil tem início na metade do século XIX, onde a massa de trabalhadores era constituída basicamente de escravos. Segundo FURTADO (1999, p.117) “o primeiro censo demográfico, realizado em 1872, indica que nesse ano existiam cerca de 1,5 milhões de escravos”. Porém, a dificuldade de adaptação dessa massa de trabalhadores contribuiu para a transformação das relações de trabalho inserindo na economia nacional o trabalhador assalariado.

No Brasil, a fase de transição para o capitalismo é caracterizada por tensões sociais geradas pela desintegração das relações coloniais. Ainda que seja polêmico<sup>1</sup> afirmar que o Brasil passou por um período feudal, é possível considerar que o processo de transformação desencadeado na Europa afetou profundamente a constituição da economia nacional. A europeização do mundo desencadeada pela expansão do capitalismo lançou as bases para o processo de acumulação de capital no Brasil. O subdesenvolvimento causado por esse processo, presente não só no Brasil, mas na maioria dos países capitalistas, é fruto das nações emergentes que não conseguem romper os nexos de dependência herdados da colonização e, portanto, não conseguem integrar em condições de relativa igualdade, o conjunto de sua população no mercado de trabalho.

São países que ocupam esse lugar por terem iniciado seu desenvolvimento industrial tardiamente constituindo um sistema periférico denominado terceiro mundo, tendo como aspecto principal um endividamento constante e acelerado junto às principais potências mundiais.

Como se pode perceber, o contexto histórico da formação do capitalismo no Brasil, favoreceu a constituição de uma economia dependente que ao mesmo

---

<sup>1</sup>. A polêmica refere-se às referências feitas por Alberto Passos Guimarães sobre a existência do feudalismo no Brasil (GUIMARÃES, A. P. **Quatro séculos de Latifúndio**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981).

tempo tem uma posição periférica e complementar, assumindo uma relação subordinada e dependente na qual a iniciativa privada controla os meios de produção.

No contexto civilizatório, a lógica é ditada pela pressão internacional para copiar os modelos das economias mais avançadas, o que permite afirmar que o sistema econômico brasileiro baseia-se no consumo de bens das nações mais desenvolvidas, ficando o processo de modernização à mercê das nações desenvolvidas.

O limite do sistema capitalista está relacionado com base na mercantilização. Assim, diante da necessidade do contato entre compradores que pretendem trocar dinheiro por bens e serviços e vendedores desses mesmos bens e serviços, passa a existir o mercado, definido na economia como o local onde ocorre o encontro entre compradores e vendedores.

O mercado pode ser classificado em local, regional, nacional ou mundial. A escala de produção será determinada pelas características da mercadoria, ou seja, baseada na amplitude da demanda grau, de organização do comércio, estágio de desenvolvimento econômico e social. Assim, no que diz respeito a preços, o mercado cria um sistema próprio, o qual orienta a economia no sentido de aumento ou redução da produção.

Assim, considera-se o território como a cidade, o local onde se desenvolve a dinâmica social, na qual se constitui a sociedade; é uma parcela de espaço onde se desenvolvem determinados grupos de pessoas.

Estes grupos de pessoas incorporam-se dentro das cidades e ali projetam suas relações de ordem política, econômica e social enquanto seres humanos. Esse território ocupado passa a ter uma identidade.

Baseado nesse contexto é que GONÇALVES (2000, p.113) afirma que “o território não existe e nem se forma fora do campo da existência humana”. No entanto, o território enquanto determinante das dinâmicas sociais extingue ou transforma o elemento nele contido. Assim, o território passa a ser o elemento fundamental para a compreensão dos fenômenos sociais.

É nas cidades - espaço privilegiado onde se acirram as diferenças e contradições existentes na sociedade – que ocorrem as relações sociais, na

maioria das vezes, particulares e complexas, que determinam a formação de várias classes sociais. A cidade capitalista é um exemplo bem claro dessa divisão social sendo um espaço com uma nova dimensão social no que diz respeito aos aspectos econômicos, populacionais e territoriais caracterizado por relações conflituosas entre as classes sociais.

As cidades, e particularmente as grandes cidades metropolitanas dos tempos (...) São, com todas as suas complexidades e artificialidades, a mais grandiosa criação do homem, o mais prodigioso dos artefatos humanos... (PURK *apud* HARVEY, 1976, p.167).

Assim, ao organizar a cidade, os homens também definem o modo de produção que ordenará essa cidade, ou seja, de forma dialética o modo de produção define e é definido pela cidade. Isto implica em setorizá-la de acordo com a distribuição dada aos espaços.

Portanto, esta referência à sociedade capitalista, baseia-se numa setorização hierarquizada cujo critério primeiro baseia-se na divisão por classes sociais. Isto quer dizer que os moradores da cidade é que organizam os espaços de moradia de acordo com o *status* social, bem como os espaços de trânsito de seus sujeitos.

Obedecendo à esta lógica, pode-se observar que em cidades como Presidente Prudente, cenário do estudo, é que se organiza o mercado de trabalho e o comércio a partir dos critérios acima explicitados. É perceptível que há bairros nobres, bairros de classe média e a periferia que abriga os trabalhadores; há espaços freqüentados por classes sociais distintas; assim como há espaços de trabalho distintos que abrigam o setor formal e o setor informal da economia.

O setor informal é aquele composto por trabalhadores que não conseguiram sua inserção completa nos setores da produção moderna da economia capitalista, principalmente nos países subdesenvolvidos.

Pode-se observar que o rápido crescimento das cidades nos países subdesenvolvidos não significa aumento de postos de trabalho favorecendo a informalidade.

Segundo Chahad (1998, p. 403), pode-se caracterizar o setor formal e o setor informal como:

*Mercado formal de trabalho*, o qual contempla as relações contratuais de trabalho, em grande parte determinadas pelas forças de mercado, ao mesmo tempo que são objeto de legislação específica que as regula. Em contraposição, existe o chamado *mercado informal de trabalho*, onde prevalecem regras de funcionamento com um mínimo de interferência governamental.

Assim percebe-se a cidade como palco da venda da força de trabalho, caracterizando-se a exploração do capital sobre o trabalho tanto no setor formal como informal.

As relações contratuais de trabalho são uma forma de garantir aos trabalhadores os seus direitos, ou seja, um escudo protetor, mas que por sua vez faz parte de um cenário antagônico, pois os trabalhadores têm que aceitar a imposição dos seus empregadores, pois o modo como está estruturada a sociedade não lhes coloca outra opção.

A cidade é o suporte do mercado, é nela onde ocorre o comércio e o confronto entre força produtiva e capital. Historicamente, ocorrem revoluções da própria natureza do modo de produção capitalista e das contradições nele contidas.

O confronto entre trabalhadores e capitalistas leva a ter um referencial para melhor entender a relação entre mercado, mercadoria, capital, força de trabalho, sociedade civil e Estado.

A partir da compreensão deste referencial, pode-se ter clareza quanto à constituição do mercado informal na economia capitalista moderna.

O mercado informal demonstra claramente as contradições entre burguesia e proletariado, mostrando-se como um fruto do desenvolvimento capitalista, sendo a forma encontrada por um grande número de trabalhadores excluídos do mercado formal de trabalho, de assegurar sua sobrevivência através da inserção informal no mercado de trabalho.

Diante do exposto, pretendeu-se analisar a constituição do mercado de trabalho informal em Presidente Prudente, com enfoque específico sobre aqueles trabalhadores do comércio, os vendedores alocados no “camelódromo”<sup>2</sup> dessa cidade a partir de 1995. Evidentemente que os primeiros vendedores alocados no “camelódromo” em 1995, na sua maioria, não foram mais encontrados.

Tal situação despertou o interesse, face às peculiaridades da organização do município de Presidente Prudente, uma cidade localizada no oeste do Estado de São Paulo, conforme figura 1 a seguir, tida como a principal cidade da região conhecida como Alta Sorocabana, e principal pólo regional da maior área pecuarista do Estado, tem como principal característica sua proximidade com a Hidrovia Tietê-Paraná, o que a coloca também como um dos pólos regionais do Mercosul no Estado de São Paulo.

FIGURA 1. Mapa do Estado de São Paulo



---

<sup>2</sup>. A Praça da Bandeira, região central de Presidente Prudente, passou a ser chamada de “camelódromo” em vista da alocação dos antigos vendedores ambulantes neste espaço.

Fonte: [www.osmapas.hpg.com.br/brasilestados/saopaulo.jpg](http://www.osmapas.hpg.com.br/brasilestados/saopaulo.jpg). 2002.

Dentre os fatores que favoreceram o fortalecimento da economia prudentina, o comércio ocupou papel fundamental dadas as condições históricas e econômicas que facilitam a sua liderança abastecendo diversas regiões do Estado e do país, além da heterogeneidade de produtos aqui produzidos e comercializados.

Atualmente, a principal atividade econômica de Presidente Prudente é a agropecuária; porém, o município tem também uma crescente atividade industrial primária, ou seja, indústrias de beneficiamento de alimentos como torrefação de café, padarias, fabricação de sorvete e lingüiça, que abastecem um amplo raio de ação que vai do Paraná ao Mato Grosso. Como se pode ver o “surto industrial” de Presidente Prudente restringe-se a produtos de consumo básico.

O Comércio possui hoje, 4.834 estabelecimentos, a cidade tem dois shoppings, 14 supermercados e um “calçadão”, onde estão várias lojas comerciais, além de contar com 41 agências bancárias, 36 hotéis, 19 restaurantes, 60 farmácias e drogarias e 2 bibliotecas municipais<sup>3</sup>.

A constituição de uma rede de serviços voltada para o atendimento de serviços básicos (médicos, dentistas, advogados, ensino, etc) como o que se verifica em Presidente Prudente tornou inevitável a consolidação de um mercado informal que fosse capaz de absorver o excedente de mão-de-obra gerado pelo crescente desemprego.

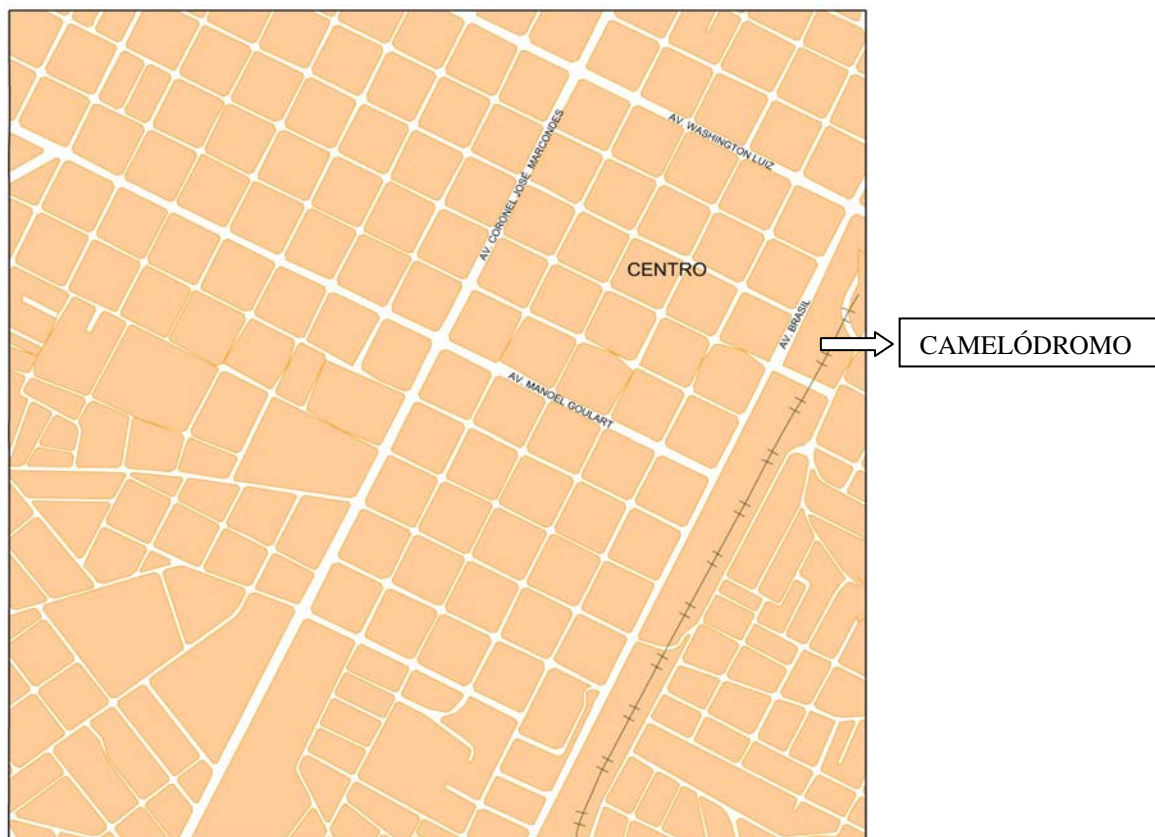
Diante disso, pode-se observar que os trabalhadores informais concentraram-se no centro da cidade, razão pela qual a prefeitura decidiu por aloca-los na Praça da Bandeira, assegurando a centralidade do comércio informal, conforme observamos no mapa abaixo.

---

<sup>3</sup> Dados extraídos do site [www.presidenteprudente.sp.gov.br](http://www.presidenteprudente.sp.gov.br) (setembro/2002).



FIGURA 2. Quadrilátero central Presidente Prudente



Fonte: Organizado pela autora.

Portanto, entendemos que a existência de um mercado de trabalho informal em Presidente Prudente indica um complexo processo de exclusão social o qual se faz presente a partir da dinâmica capitalista de produção.

O processo de inclusão social no capitalismo passa pelo mercado que, devido à globalização, é altamente competitivo.

O emprego define a posição social do indivíduo. A situação que leva ao trabalho informal é marcada pela precariedade do emprego, ausência de qualificação e uma grande incerteza quanto ao futuro.

Assim, pretende-se investigar o trabalho informal em Presidente Prudente a partir da seguinte perspectiva:

- quais foram as causas levaram os trabalhadores ao mercado informal de trabalho?

- após a sua inserção neste mercado informal de trabalho, quais foram os atrativos que levaram os mesmos a prosseguirem nessa atividade e o que levou outros a abandonarem.

Na presente proposta de estudo se tem por objetivo analisar o “camelódromo” de Presidente Prudente através dos ex vendedores ambulantes, verificar o número de vendedores atuais bem como o grau de rotatividade desde a sua inserção na Praça da Bandeira, compreender a trajetória de vida através do seu perfil sócio-econômico.

Entende-se que a abordagem pretendida é bastante relevante, uma vez que o trabalho informal tem sido o setor que mais cresce na economia capitalista, inclusive no caso brasileiro, face ao brutal processo de exclusão dos trabalhadores. Segundo CAVALCANTI *apud* GONÇALVES (2000, p.36).

O setor informal contribui para a solução do problema do emprego, proporcionando ocupação a pessoas que de outro modo não teriam onde trabalhar. Sua contribuição em termos de renda, todavia, é medíocre, uma vez que concentra pessoas sem qualificação profissional, na grande maioria dos casos, as quais, participam de um mercado amplamente competitivo. É assim, que na verdade, os grupos sociais que correspondem à pobreza extrema, estão inseridos no contexto das atividades informais. Estas com suas características de emprego autônomo e intermitente, de diminutas unidades de produção (microempresas) e de ausência de proteção jurídica e institucional, representam no fundo um recurso para que trabalhadores urbanos sem outras alternativas possam sobreviver.

Entretanto, o que pode ser observado no cotidiano é que os excedentes populacionais à margem do mercado de trabalho representam importante contribuição em termos de renda.

Parafraseando Harvey (1976) pretende-se estabelecer algumas relações entre as cidades e seus mecanismos de agregação de excedentes populacionais e de trabalhadores. O autor afirma que a cidade cria um excedente social na forma de força de trabalho que supera as necessidades básicas com vistas a entender as necessidades biológicas, sociais e cultural do grupo social. Conseqüentemente, a parcela populacional que não é absorvida pelo processo

produtivo formal engaja-se em outra atividade que lhe garante a sobrevivência, constituindo um mercado informal de trabalho.

Finalmente, de modo estranho a cidade parece precisar desse mercado informal, viabilizando a conexão entre setores aparentemente opostos: formal *versus* informal.

Esse estranhamente deve-se ao fato de que mesmo no setor formal, pode-se perceber práticas informais como a extensão da forma de trabalho, falta de registro profissional dos empregados, etc.

## 1.1 Apresentação

O modelo teatral da sociedade a que agora chegamos não nega que os atores que estão no palco sejam coagidos por todos os controles externos estabelecidos pelo empresário e pelos controles internos do próprio papel. Ainda assim, porém, os atores têm opções – representar seus papéis com entusiasmo ou má vontade, representar com convicção interior ou com “distanciamento” e, às vezes, recusar absolutamente a representar. O exame da sociedade segundo este modelo teatral altera profundamente nossa perspectiva sociológica geral. A realidade social parece estar agora precariamente pousada na cooperação de muitos atores individuais – ou talvez uma metáfora melhor seria a de acrobatas executando perigosos números de equilíbrio e sustentando juntos a oscilante estrutura do mundo social. (BERGER, 1976, p. 154).

No presente trabalho se trata sobre o desenvolvimento do trabalho informal em Presidente Prudente buscando compreendê-lo no contexto capitalista, especialmente em tempos de neoliberalismo.

O texto em epígrafe serve de apoio para refletir sobre o cenário no qual se desenrola a trama, ou seja, as condições nas quais os atores foram submetidos a papéis subalternos e marginais na economia da cidade.

Cada indivíduo desempenha um papel no cenário econômico e social da cidade, tomando-se esta como um complexo demográfico formado, social e economicamente por uma importante concentração populacional.

Berger (1976) provoca ao sugerir que cada indivíduo desempenha papéis que lhes foram atribuídos, mas também decide como e quando desempenhar tais papéis.

A seguir demonstrar-se-á como se desenrola esta trama no cotidiano do “camelódromo” – denominação assumida pelos comerciantes informais e pelos consumidores – com seus atores, seu enredo e seu drama.

Para assegurar maior qualidade ao relato, o texto está dividido nas seguintes partes: Introdução, onde se descreve a gênese da economia capitalista, a constituição de economias dependentes, contextualizando o desemprego que atinge as economias capitalistas e o surgimento do trabalho informal - o eixo dessa unidade é o trabalho como mercadoria; Capítulo 1, onde trata sobre os caminhos utilizados, ou seja, parte-se do geral para o específico: da gênese da

economia capitalista para o contexto econômico de Presidente Prudente. Para assegurar um caminho seguro a pesquisa apóia-se no materialismo histórico-dialético, haja vista que apesar de identificar os papéis que os sujeitos desempenham no processo, não pode-se perder de vista as contradições que marcam o surgimento do trabalho informal na economia capitalista e em Presidente Prudente; no Capítulo 2, descreve-se o cenário nacional e local da pesquisa, isto é, busca entender e descrever as características do problema analisado. Capítulo 3, intitulado “Camelódromo” e seus atores, se retrata o perfil sócio-econômico dos trabalhadores do “camelódromo”. No capítulo 4, os protagonistas por si mesmos, dá voz aos atores do “camelódromo”; e finalmente as breves considerações finais, onde busca-se, ainda que precariamente entrelaçar os fios da trama.

## 1.2 Metodologia da pesquisa

A definição do caminho da pesquisa deve ser feita considerando-se a natureza do objeto analisado e o processo mais adequado para essa investigação.

A pesquisa representa segundo Queiroz (1983, p.11), “o conjunto de instrumentos empregados para se resolver um problema, para se esclarecer uma questão, para se chegar a uma descoberta”. Portanto, zelar por um “bom método” é fundamental para a validação dos resultados da pesquisa.

Buscando assegurar um “bom método”, a opção por um caminho onde privilegia-se o aprofundamento teórico do tema e abordagem empírica através do trabalho de campo com a aplicação de questionários censitários e realização de entrevistas semi-dirigidas.

Assim, propõe-se, nesse primeiro momento, uma reflexão sobre o mundo capitalista e as condições nas quais se insere a população a ser estudada, considerando que o sistema capitalista cria mecanismos que tem como resultados as desigualdades não só sociais, pois valorizam os bens materiais e estabelecem poder a quem detém bens com valor econômico.

Diante da preocupação em analisar as relações de trabalho entre “camelôs<sup>4</sup>” estabelecidos no “camelódromo” em Presidente Prudente, entende-se que é importante levar em consideração a análise das condições históricas da formação de países como o Brasil, que como a maioria dos países de terceiro mundo, foi forçado a situações de subordinação e dependência econômica em relação às metrópoles (principalmente os países europeus) o que levou o Brasil a ser enquadrado como um país de economia subdesenvolvida.

No caso em questão, considera-se como objeto de estudo os antigos vendedores ambulantes de Presidente Prudente que foram alocados na Praça da

---

<sup>4</sup>. Segundo o Novo Dicionário Aurélio, camelô é o mercador que vende nas ruas, em geral nas calçadas, bugigangas ou outros artigos, apregoando-os de modo típico.

Bandeira, na região central da cidade a partir de 1995 enquadrados na categoria de trabalhadores informais.

Para definir trabalho informal recorreu-se ao conceito formulado pela Central Única dos Trabalhadores<sup>5</sup>, segundo o qual o trabalho informal é aquele:

cujas atividades produtivas são executadas à margem da lei, especialmente da legislação trabalhista vigente em um determinado país. Aqui estariam os trabalhadores conta-própria, grande parte dos quais não contribui à previdência, os trabalhadores sem carteira assinada e os não-remunerados. Este ponto de vista compreende o trabalho informal a partir da precariedade da ocupação.

Para compreender o processo de subdesenvolvimento, é necessário compreender as raízes históricas da constituição do país, que mostra de forma clara como se deu o processo de reprodução do capital, nas suas diferentes formas durante a evolução da sociedade. Segundo MARX (2000, p.69) este processo pode ser explicado em parte pela necessidade de expansão comercial vivenciada pelo mundo europeu nos séculos XV e XVI. “A necessidade de mercados cada vez mais extensos para seus produtos impele a burguesia para todo o globo terrestre. Ela deve estabelecer em toda parte, instalar-se em toda parte, criar vínculos em toda parte”.

Assim, países como o Brasil foram incorporados ao cenário mundial como parte de um amplo processo de acumulação de capital.

A descoberta da América, a circunavegação da África, abriram um novo campo de ação à burguesia nascente. Os mercados das Índias Orientais e da China, a colonização da América, o intercâmbio com as colônias, o aumento dos meios de troca e das mercadorias em geral deram ao comércio, à navegação, à indústria, um impulso jamais conhecido antes e, em consequência, favoreceram o rápido desenvolvimento do elemento revolucionário na sociedade feudal em decomposição. (MARX, 2000, p.67)

Como pode-se perceber, algumas formas exploratórias às quais os trabalhadores têm sido historicamente submetidos podem ser compreendidas através dessas referências feitas por Marx.

---

<sup>5</sup>. <http://www.coonat.org.br/portalcut/desep/a50110.htm>

Esta abordagem histórica se faz necessária para auxiliar o entendimento da realidade. Por isso, não se pode deixar de lado as raízes do processo de formação e desenvolvimento do Brasil.

No entanto, o enfoque principal nesse trabalho é demonstrar que os fatores descritos acima não só levaram ao subdesenvolvimento, mas também a diversos tipos de trabalho informal e ao subemprego, principalmente na região, que atingem uma massa de trabalhadores que, se não estão à margem do processo produtivo, estão inseridos de forma transversal sem serem como trabalhadores formais. Considerando a herança histórica e os fatores que levaram à crônica e estrutural má distribuição da renda no país, pretende-se analisar o contexto histórico mundial no qual o Brasil foi forjado como nação, a inserção do Estado de São Paulo nesse processo, chegando à cidade de Presidente Prudente, cenário onde está localizado o foco de estudo.

Os vendedores ambulantes são pessoas que além de não ter uma colocação no mercado formal de trabalho foram forçados a ocupar o Box do “camelódromo”, e se mostram descontentes com a situação à qual foram submetidos, uma vez que o comércio no calçadão é mais lucrativo por ser visitado por um número maior de compradores.

A escolha do caminho metodológico deste estudo encontra no materialismo histórico dialético a sustentação de que necessita para seu desenvolvimento, pois os atores participam de um ambiente onde as contradições sociais se fazem presentes. Em outras palavras, os atores desse estudo representam em parte a desigualdade das relações que se estabelecem no mundo capitalista. Portanto, o levantamento de dados para realização do estudo busca descobrir os motivos que levaram os vendedores ambulantes do “Camelódromo” a se instalarem nesse espaço, buscando entender através da análise histórica dos fatos, e explicar as contradições que envolvem o mercado informal de trabalho.

Uma das etapas da investigação foi a coleta de dados que permitiu traçar o perfil sócio-econômico dos antigos ambulantes, alocados na Praça da Bandeira, região central da cidade de Presidente Prudente. Para isso foi utilizado um questionário de perguntas fechadas que levou a conhecer as pessoas que ali trabalham. Nesse primeiro momento, a intenção principal foi somente verificar



quais as condições de vida dessa população e em um segundo momento, a proposta é realizar a pesquisa em forma de entrevistas com roteiro semi-aberto para qualificar os proprietários de Box no “camelódromo”.

O caminho escolhido para o estudo se mostra de alta importância, uma vez que visa esclarecimentos sobre um tipo de mercado que apesar de ser informal, a cada dia cresce mais na cidade. Até o final de novembro de 2001 o “camelódromo” contava com 96 boxes.

Após dezembro de 2001 a prefeitura construiu mais dois blocos com boxes para novamente fazer uma re-alocação dos ambulantes que estavam no calçadão da cidade.

A opção pelo caminho metodológico escolhido se mostra o mais adequado, pois ingressa num cenário que reflete um grau muito grande de contradições sociais uma vez que estes ambulantes são retirados das ruas e alocados ali no “camelódromo” sem outra opção. A utilização da técnica com gravador, como afirma QUEIROZ (1982, p.67), orientou no sentido de verificar “a riqueza de dados que esta técnica permite alcançar, uma vez que, além de colher aquilo que se encontra explícito no discurso do informante, ela abre portas para o implícito”.

Assim, os questionários e entrevistas foram escolhidos para aumentar o grau de precisão da presente pesquisa. Os mesmos foram também utilizados como forma de comparação para avaliar a “rotatividade” dos ambulantes.

Para isso foi fundamental delinear o cenário da pesquisa e identificar os atores do processo. São trabalhadores os quais foram obrigados a saírem das ruas onde eram vistos por um público maior, para ocuparem um Box no “camelódromo” disputando a clientela com seus concorrentes que agora passam a estar ali, lado a lado. O cenário da pesquisa se mostra um cenário de grande competitividade, pois na maioria dos Boxes se comercializa o mesmo tipo de mercadoria.

## 2. O CENÁRIO DA PESQUISA

### 2.1 O cenário nacional

O Brasil é um país com um enorme potencial econômico. No entanto, situa-se na periferia do sistema econômico mundial apesar do intenso processo de globalização que ora testemunhado.

A globalização, como afirma SANDRONI (1999, p.265) proporciona uma “interação cada vez maior dos mercados, meios de comunicação e dos transportes”, afetando toda a estrutura do país, principalmente no que diz respeito ao mundo do trabalho.

MOORE (2001, p. A3) afirma que:

Os últimos 50 anos testemunharam a maior ascensão no nível de vida na história da humanidade. De 1960 até hoje, os índices de mortalidade infantil foram reduzidos pela metade nos países em desenvolvimento; os índices de subnutrição caíram 33% e a taxa de abandono escolar caiu da metade para um quarto dos alunos. O número de famílias rurais sem acesso a água potável caiu de nove décimos para um quarto do total.

Apesar de indicadores tão impressionantes, os níveis de emprego têm sido pressionados para baixo, considerando-se especialmente a qualificação profissional do candidato ao trabalho. Entretanto, como é possível observar nos dados coletados, apresentados à frente, a formação escolar não tem sido um fator determinante para manutenção do emprego formal. Muitos trabalhadores do “camelódromo” possuem escolaridade<sup>6</sup> que os qualificaria para o trabalho formal.

Portanto, o que se pode observar é que o processo de modernização da economia brasileira não levou à superação da pobreza e das desigualdades sociais. A modernização aprofundou as desigualdades sociais já existentes, as quais foram geradas num passado distante, pois, como já mencionado anteriormente, esteve apoiada numa maior concentração de renda.

---

<sup>6</sup>. Vide Tabela 7, p.40.

SANTOS (2001, p.A7) em entrevista concedida à Folha de São Paulo em 21 de maio de 2001 afirma que:

O capitalismo deixou de fazer concessões, a democracia perdeu a capacidade de distribuir riqueza, e as sociedades acabaram desenvolvendo relações fascistas, referindo-se ao número cada vez maior de pessoas excluídas do contrato social. Ou seja: que não têm nenhum direito. A perda de direitos e da noção de cidadania está ligada ao que se chama de "colapso das expectativas".

Assim, pode-se considerar que o desemprego é um dos sintomas desse colapso de expectativas. Em busca de fatores que expliquem essa dinâmica do desemprego Offe (1995, p.21), leva a reflexão:

O problema político do mercado de trabalho consiste não só no crescimento global da demanda pela força de trabalho, mas também (e cada vez mais) na distribuição equilibrada e justa dessa demanda entre as categorias dessa força de trabalho (potencial) afetadas pelos riscos do mercado de trabalho de maneiras muito diferentes.

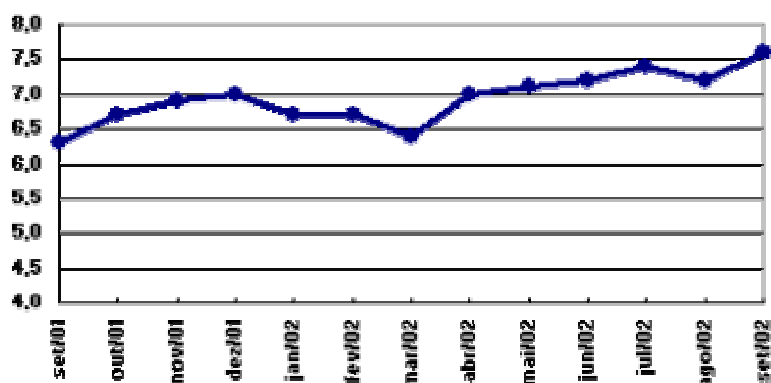
Isto permite afirmar que a fragilidade do mercado formal de trabalho leva ao nascimento de um mercado informal paralelo tendo em vista a falta de políticas adequadas para a criação de postos de trabalho; falta de apoio às pessoas de idade avançada; baixos salários. Assim, são pessoas que buscam em atividades econômicas marginais novas oportunidades de trabalho, através de um empreendimento próprio, e são levadas a ocuparem um lugar no Box do “camelódromo”.

Atualmente a expansão do mercado informal de trabalho se dá juntamente com a crise econômica que o país atravessa. Um exemplo bem claro é a alta do preço do dólar que faz com que aumentem ainda mais os índices de desemprego em nosso país.

Apesar da crise econômica sem precedentes que ora testemunhada, o mercado de trabalho informal encontra-se num setor dinâmico da economia, que cresce a cada dia.

Segundo dados do IBGE<sup>7</sup>, há uma taxa significativa de desemprego no país, o que em parte pode explicar a elevação do número de trabalhadores informais.

**GRÁFICO 1 - Taxa de Desemprego Aberto com ajuste sazonal - setembro/2001 à setembro/2002**



FONTE: <http://www.ibge.gov.br/2002>.

Portanto, a análise do cenário local dar-se-á a partir do quadro nacional ora esboçado. Considerar-se-á que a realidade local, em grande medida, reflete a realidade nacional, onde verifica-se um cenário com elevado desemprego e forte crescimento do setor denominado de serviços.

Segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>8</sup>, “O setor produtor de serviços vem assumindo papel cada vez mais importante no desenvolvimento da economia mundial, tanto do ponto de vista da geração de renda e emprego, como da substancial contribuição para a dinâmica econômica dos países”.

<sup>7</sup>. <http://www.ibge.gov.br/2002>.

<sup>8</sup>. <http://www.ibge.gov.br/>, 2002.

## 2.2 Cenário local

A constituição do “camelódromo” na cidade de Presidente Prudente ocorre justamente em um momento de conflito entre o poder público e os ambulantes. Na ocasião os ambulantes comercializavam seus produtos no calçadão da cidade. O crescimento do número de vendedores ambulantes, principalmente em épocas festivas, comercializando seus produtos pelo calçadão da cidade desencadeou o descontentamento dos proprietários de lojas, os quais tinham nos vendedores ambulantes fortes concorrentes, o que levou os mesmos a forçar o sindicato do comércio varejista juntamente com a prefeitura a tomarem providencias sobre o assunto. Segundo GONÇALVES (2000, p.148),

O poder público municipal encontra-se diante de uma situação delicada, pois, mesmo tendo que aceitar os argumentos legais apresentados pelos comerciantes, tinha que lidar com um problema socioeconômico que começava a crescer nacionalmente a partir dos anos 1990, como fruto de novas políticas econômicas neoliberais adotadas pelo governo federal, o desemprego, e que agravava a situação econômica já precária do município, que tem dificuldades no que diz respeito à geração de empregos.

Assim, o cenário da pesquisa se mostra como um palco de contradições sociais opondo ambulantes e poder público local, onde de um lado, os comerciantes criticam o fato dos vendedores ambulantes não pagarem impostos e outros encargos e, de outro, os vendedores ambulantes, que encontraram nessa atividade um modo de sustentar a si e à sua família, uma vez que a cidade, como já mencionado anteriormente, não oferece postos de trabalho suficientes para abrigar todos que necessitam.

A estratégia utilizada pela prefeitura foi a construção de um local para abrigar os vendedores ambulantes. Assim, os mesmos, agora com um lugar específico para a comercialização de suas mercadorias passam a ser chamados de “camelôs” e o seu lugar de comércio “camelódromo”. Inicialmente, foram transferidos para o “camelódromo” 96 vendedores ambulantes que passaram a ocupar Boxes individuais para comercializarem seus produtos. Segundo GONÇALVES (2000, p.155) “com capacidade para noventa e seis barracas

arranjadas em 8 fileiras, distanciadas lateralmente em 30cm umas das outras, o 'camelódromo' passou a ser o lugar 'legal' de atuação dos camelôs em Presidente Prudente", passou a ser o lugar "legal" de atuação dos camelôs em Presidente Prudente, onde são comercializados os mesmos tipos de mercadorias, dispostos lado a lado formando um cenário altamente competitivo realçando o cenário da informalidade na mesma proporção em que acentua-se a falta de empregos no mercado formal e a falta de políticas públicas para a geração de postos de trabalho.

Assim, esse fenômeno aqui chamado como "camelódromo", faz parte de um todo chamado mercado de trabalho informal, abrigando desempregados, desqualificados, pessoas de idade avançada, trabalhadores que foram obrigados a se alocar no "camelódromo".

Os mesmos são visitados diariamente por um número considerável de consumidores dos mais variados tipos de classes sociais, os quais buscam a satisfação de seus desejos através do consumo de mercadorias.

Os produtos comercializados no local são de uma variedade bastante grande, onde é possível encontrar desde artigos voltados para pesca; artigos para presentes; cosméticos que vão desde cremes, batons e perfumes; eletrônicos em geral, que podem variar tanto em marcas quanto em modelos.

Mas o atrativo principal está no preço das mercadorias: são preços acessíveis a toda a população, sendo que os produtos substituem perfeitamente os produtos comercializados no mercado formal.

Esse quadro acima delineado acrescenta novas cores ao cenário a ser investigado, qual seja, o "camelódromo" onde está alocado um contingente significativo de trabalhadores do mercado informal de trabalho de Presidente Prudente.

### 3. O “CAMELÓDROMO E SEUS ATORES

Após o delineamento do cenário da pesquisa, é fundamental descrever o perfil dos atores que atuam naquele espaço.

Como já relatado anteriormente, com base nos dados coletados através da aplicação de questionários, se procede à análise dos resultados com vistas a delinear o perfil dos sujeitos da pesquisa. Por ocasião da coleta de dados, ocorrem algumas situações pitorescas e algumas dificuldades que são importantes e devem ser relatadas.

O primeiro questionário aplicado como forma de teste, se deu de uma forma tranqüila. Ao chegar no camelódromo o primeiro passo foi a escolha de um Box em seguida a apresentação ao proprietário do Box, o qual prontamente atendeu, dando início à aplicação do questionário.

Após correção e reestruturação do questionário, o qual foi adaptado para o presente trabalho se dá início as pesquisas de campo. O primeiro dia no camelódromo, logo permite observar que as mulheres chegam ao “camelódromo” por volta das 8h00 em companhia de seus filhos, crianças na faixa dos 4 aos 6 anos de idade, os quais ficam o dia todo por ali aguardando enquanto suas mães trabalham. Ali, executam as refeições e vão embora somente no término das atividades do comércio, por volta das 18h00.

No decorrer do mesmo dia, outro fato chama atenção: são os trabalhadores informais terceirizados, trabalhadores que vendem a sua força de trabalho por apenas um salário mínimo, sem direito a nenhum benefício previsto na legislação trabalhista. Em alguns boxes não foi possível aplicar o questionário face à ausência do proprietário do Box; os funcionários alegaram que tem instruções para não responderem pesquisas de qualquer natureza.

No segundo dia da pesquisa de campo, a Polícia Federal havia feito a apreensão de alguns ônibus de excursão para compras no Paraguai. Esse fator levou os proprietários à revolta e os mesmos se negaram a contribuir para pesquisa.

A impressão que se tem diante de tais situações é que a presença de um pesquisador dentro do mercado informal causa um certo receio aos proprietários dos boxes. Muitos creditavam que a função do pesquisador ali era como um agente da prefeitura ou algo desse tipo, e que a pesquisa teria por finalidade a cobrança de impostos.

O trabalho de campo decorreu de forma calma, mesmo com a recusa de alguns proprietários em responder o questionário proposto, o que, no entanto faz parte do dia-a-dia do pesquisador.

À primeira vista, o que salta aos olhos do pesquisador é a expansão dos espaços de alocação dos trabalhadores informais. A maior evidencia disso é que a meados dos anos 90, 96 camelôs foram inicialmente alocados na Praça da Bandeira. Atualmente o chamado “bloco B”, cuja construção teve início em janeiro de 2002 abriga mais 244 camelôs.

A coleta de dados, como já informado anteriormente, se deu em duas etapas. Num primeiro momento, foi aplicado um questionário que visava levantar dados que permitissem traçar o perfil socioeconômico dos vendedores alocados no “camelódromo”. Num segundo momento, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com gravador visando conhecer o que pensam e como se expressam os camelôs.

Tal estratégia justifica-se pela necessidade da identificação de um tipo de trabalhador que se insere no “camelódromo”, ao mesmo tempo em pretendíamos ouvir a voz do “camelô” sobre si mesmo e seu trabalho.

A aplicação do questionário ocorreu no período de 13 de março de 2002 a 17 de abril de 2002 onde, além da coleta de dados, foi possível filtrar algumas informações como por exemplo:

- alguns proprietários de boxes possuem vínculo familiar, assim, ficam o dia todo ali no “camelódromo” juntamente com seus familiares (inclusive crianças pequenas);
- a maioria dos boxes é dirigida pelo proprietário com auxílio de um funcionário que não possui vínculo empregatício e trabalha por um salário mínimo;



- a apreensão dos ônibus nos quais os proprietários buscam suas mercadorias pela Polícia Federal provoca grande revolta entre os mesmos;
- existem alguns vendedores que possuem mais de um Box, mesmo sendo isso ilegal.

Ao final da aplicação dos questionários foram obtidas 102 respostas. Dos 102 sujeitos, aproximadamente 70% são do sexo feminino; aproximadamente 36% dos entrevistados estão na faixa etária entre 24 e 43 anos. (vide Tabela 1 e 2), o que permite afirmar que a grande parte da população trabalhadora do “camelódromo” é composta por mulheres jovens. Ou ainda, como é o caso de Joana, aposentada que tem no trabalho autônomo no “camelódromo” uma satisfação pessoal, “a porque eu gosto de me comunicar” (ENTREVISTA, 2002).

**TABELA 1 – Sexo dos entrevistados**

<b>SEXO</b>	<b>FREQUENCIA</b>	<b>%</b>
Feminino	71	69,61
Masculino	31	30,39
<b>TOTAL</b>	<b>102</b>	<b>100,00</b>

*FONTE:* Pesquisa de campo. Organizada pela autora - 2002

**TABELA 2 – Faixa etária dos entrevistados**

<b>IDADE</b>	<b>FREQUENCIA</b>	<b>%</b>
Entre 15 e 18 anos	12	11,76
Entre 19 e 23 anos	18	17,65
Entre 24 e 33 anos	18	17,65
Entre 34 e 38 anos	5	4,90
Entre 39 e 43 anos	14	13,73
Acima de 44 anos	35	34,31
<b>TOTAL</b>	<b>102</b>	<b>100,00</b>

*FONTE:* Pesquisa de campo. Organizada pela autora – 2002

Esses dados sugerem que a falta de empregos no mercado formal atinge principalmente jovens entre 15 e 23 anos (29,41%) e adultos entre 39 e 43 anos (48%). Tal inferência pode ser constatada quando se toma alguns depoimentos através de entrevistas – que serão analisadas devidamente à frente – nas quais

os sujeitos apontam a falta de emprego como a razão para trabalhar no “camelódromo”.

MARX (1985, p.744) faz um interessante comentário sobre isso:

O capital precisa de maiores quantidades de trabalhadores jovens e menor número de adultos. Existe outra contradição ainda mais chocante: as queixas quanto a falta de braços quando muitos milhares estão desempregados porque a divisão do trabalho os acorrentou em determinado ramo industrial.

Ao contrario da observação de Marx, vemos a exclusão dos trabalhadores mais jovens e dos trabalhadores mais velhos.

Assim podemos deduzir que:

- há grande número de mulheres trabalhando no “camelódromo”;
- a presença de mais de 50% de trabalhadores acima de 34 anos sugere que as políticas públicas para a geração de novos postos de trabalho deve levar em conta o trabalhador adulto que vem sendo excluído do mercado de trabalho;
- a presença de aproximadamente 30% de trabalhadores com menos de 23 anos indica a necessidade da abertura de postos de trabalho para os trabalhadores jovens.

Outro dado importante refere-se à presença de mais de um membro da família trabalhando nos Boxes.

Em alguns casos, o trabalho informal representa uma renda extra, onde mais de uma pessoa da família está envolvida no serviço autônomo no “camelódromo”, como é o caso de Marilda: “minha filha tem uma lojinha aqui atrás”, e também o caso de Marcos: trabalhamos “eu e minha esposa” (ENTREVISTA, 2002).

Outra informação relevante diz respeito ao Estado Civil dos entrevistados (vide Tabela 3). Como pode-se observar, 46% dos entrevistados são casados. Se levar em consideração as faixas etárias predominantes (vide Tabela 2), ou seja, 36% entre 24 e 43 anos, pode-se ver que esse índice não é tão relevante. Quer

dizer que pode-se considerar que 70% da população encontra-se na faixa etária em que o brasileiro constitui família. Porém, somente 46% são casados; confrontando os números absolutos, teremos 72 sujeitos na faixa etária entre 24 e 43 anos e apenas 47 sujeitos casados.

**TABELA 3 – Estado civil dos entrevistados**

<b>ESTADO CIVIL</b>	<b>FREQUENCIA</b>	<b>%</b>
Casado	47	46,08
Solteiro	40	39,22
Separado	8	7,84
Viúvo	7	6,86
<b>TOTAL</b>	<b>102</b>	<b>100,00</b>

*FONTE:* Pesquisa de campo. Organizada pela autora – 2002

Com relação à cidade de origem dos entrevistados, verificamos que 96% dos trabalhadores do mercado informal mora na cidade de Presidente Prudente, enquanto apenas 4% mora nas cidades vizinhas (vide Tabela 4). Os entrevistados residentes em Presidente Prudente distribuem-se pelos diversos bairros da cidade. Pode-se acrescentar ainda que mais da metade dos entrevistados, ou seja, 62% possui residência própria; em contrapartida temos 19% em residências alugadas (vide Tabela 5).

Fator importante a ser analisado é a distribuição dos entrevistados por regiões da cidade, perfazendo um total de 98 moradores na cidade de Presidente Prudente, tem-se aproximadamente 36 trabalhadores na região norte, 33 trabalhadores na região oeste, 19 trabalhadores na região leste e 10 trabalhadores na região sul, permitindo assim afirmar que os entrevistados, ou seja, os proprietários de Box no “camelódromo” se distribuem nos diversos bairros da cidade.<sup>9</sup>

**TABELA 4 – Cidade de origem dos entrevistados**

<b>CIDADE</b>	<b>FREQUENCIA</b>	<b>%</b>
Álvares Machado	01	0,98

<sup>9</sup> Dados extraídos da ENTREVISTA, 2002.

Indiana	01	0,98
Pirapózinho	01	0,98
Presidente Prudente	98	96,08
Regente Feijó	01	0,98
<b>TOTAL</b>	<b>102</b>	<b>100,00</b>

*FONTE:* Pesquisa de campo. Organizada pela autora – 2002

**TABELA 5 – Tipo de residência dos entrevistados**

<b>TIPO DE RESIDÊNCIA</b>	<b>FREQUENCIA</b>	<b>%</b>
Própria	63	61,76
Alugada	19	18,63
Cedida	10	9,80
Financiada	10	9,80
<b>TOTAL</b>	<b>102</b>	<b>100,00</b>

*FONTE:* Pesquisa de campo. Organizada pela autora – 2002

Esses dados revelam que os entrevistados possuem uma situação socioeconômica razoável se levar em consideração que mais da metade possui casa própria. Porém, em alguns casos de pessoas que trabalham há 20 anos nesse ramo, como Marilda que se justifica dizendo: “primeiro pelas condições né, de vida que a gente tá levando, era um meio de ganhar dinheiro mais rápido, diferente e nesse ramo eu fiquei, já tem mais de 20 anos” (ENTREVISTA, 2002).

Levantando o tempo de residência, é possível verificar que 60% estão há mais de 5 anos morando na mesma casa, ou seja, não são pessoas que mudam de residência constantemente, e apenas 15% que reside há menos de um ano na mesma casa. (vide Tabela 6).

**TABELA 6 – Tempo de residência dos entrevistados**

<b>TEMPO DE RESIDÊNCIA</b>	<b>FREQUENCIA</b>	<b>%</b>
Menos de 1 ano	15	14,71
1 à 5 anos	26	25,49
Mais de 5 anos	61	59,80
<b>TOTAL</b>	<b>102</b>	<b>100,00</b>

*FONTE:* Pesquisa de campo. Organizada pela autora – 2002

Quanto ao grau de escolaridade dos entrevistados, pode-se afirmar que, do universo entrevistado, 97% dos entrevistados pelo menos freqüentaram a escola e que apenas 3% não tiveram esta oportunidade. Deste universo, 55% chegou até o ensino médio (antigo colegial) e apenas 7% tem nível superior (vide Tabela 7). Esses dados levam a afirmar que 62% dos entrevistados, ou seja, os que conseguiram chegar ao ensino médio ou mais adiante em cursos superiores, competem em condições de igualdade com os trabalhadores do mercado formal. Ou seja, a falta de escolaridade não é fator determinante na busca de ocupações informais, uma vez que se pode verificar que a maioria possui escolaridade de nível médio.

**TABELA 7 – Escolaridade dos entrevistados**

<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>FREQUENCIA</b>	<b>%</b>
Analfabeto	3	2,94
Primário completo	8	7,84
Primário incompleto	7	6,86
Ginásio completo	8	7,84
Ginásio incompleto	13	12,75
Colegial completo	36	35,29
Colegial incompleto	20	19,61
Superior completo	4	3,92
Superior incompleto	3	2,94
<b>TOTAL</b>	<b>102</b>	<b>100,00</b>

*FONTE:* Pesquisa de campo. Organizada pela autora – 2002

Porém, devido à má qualidade da formação escolar, os entrevistados indicam não terem formação profissional (46%); tem-se ainda 17% que informam que sua formação profissional deu-se na prática e os 10% restantes possuem curso técnico ou formação em curso superior (vide Tabela 8).

Levando em consideração os atores que compõem o cenário, a falta de escolaridade não influencia nos fatores que levaram os mesmos ao trabalho autônomo no “camelódromo”. Segundo Marcos, o que leva um grande número de pessoas ao trabalho informal é: “por falta de emprego né, na cidade, aí as pessoas optam pelo ‘camelódromo’” (ENTREVISTA, 2002).

**TABELA 8 – Formação profissional dos entrevistados**

<b>FORMAÇÃO PROFISSIONAL</b>	<b>FREQUENCIA</b>	<b>%</b>
Curso técnico 2º grau	7	6,86
Curso superior	4	3,92
Outros cursos	27	26,47
Aprendizado na prática	17	16,67
Não tem	47	46,08
<b>TOTAL</b>	<b>102</b>	<b>100,00</b>

*FONTE:* Pesquisa de campo. Organizada pela autora – 2002

A maioria das famílias é composta de 3 a 4 pessoas, perfazendo um total de 60% (vide Tabela 9). No entanto, 29% das famílias é composta por apenas 1 estudante (vide Tabela10), enquanto 40% das famílias não possuem nenhum estudante.

**TABELA 9 – Quantidade de pessoas na família dos entrevistados**

<b>QUANTIDADE DE PESSOAS NA FAMILIA</b>	<b>FREQUENCIA</b>	<b>%</b>
1	6	5,88
2	15	14,71
3	35	34,31
4	27	26,47
5	15	14,71
6	4	3,92
<b>TOTAL</b>	<b>102</b>	<b>100,00</b>

*FONTE:* Pesquisa de campo. Organizada pela autora – 2002

**TABELA 10 – Quantidade de estudantes na família dos entrevistados**

<b>QUANTIDADE DE ESTUDANTES NA FAMILIA</b>	<b>FREQUENCIA</b>	<b>%</b>
--	-------------------	----------

0	40	39,22
1	29	28,43
2	24	23,53
3	7	6,86
4	2	1,96
<b>TOTAL</b>	<b>102</b>	<b>100,00</b>

*FONTE:* Pesquisa de campo. Organizada pela autora – 2002

Devido às condições de extrema necessidade, muitos trabalhadores buscam seu lugar no mercado de trabalho informal. A Tabela 11 demonstra que além dos donos de Box, ainda encontramos pessoas que são empregadas ali em troca de apenas 1 salário mínimo: 71% dos entrevistados são donos de Box enquanto 29% trabalham como empregados realizando uma jornada de 12 horas por dia.

**TABELA 11** – Quantidades de donos de Box

DONO DO BOX	FREQUENCIA	%
Sim	72	70,59
Não	30	29,41
<b>TOTAL</b>	<b>102</b>	<b>100,00</b>

*FONTE:* Pesquisa de campo. Organizada pela autora – 2002

O espaço do Box é pequeno, mal cabendo a mercadoria a ser comercializada, como afirma Alfredo:

É um espaço pequeno, um espaço que, é mal cabe as mercadorias então a gente sempre tem que colocar as mercadorias para fora do Box pra poder expor, porque hoje em dia pra você vender você tem que ter variedade se você tiver pouca coisa a sua loja passa ela desaparecido, então eu acho que o espaço é muito pequeno. (ENTREVISTA, 2002)

Mas mesmo assim há alguns Boxes que possuem mais de um trabalhador: 32% contam com 2 trabalhadores, 5% com 3 trabalhadores. No entanto, a maioria representada por 62% conta com apenas 1 trabalhador (vide tabela 12).

**TABELA 12 – Número de trabalhadores por Box**

Nº DE TRABALHADORES POR BOX	FREQUENCIA	%
1	63	61,76
2	33	32,35
3	5	4,90
4	1	0,98
<b>TOTAL</b>	<b>102</b>	<b>100,00</b>

*FONTE:* Pesquisa de campo. Organizada pela autora – 2002

O ganho mensal dos entrevistados, demonstrado na Tabela 13, é o que permite verificar a real situação do universo entrevistado, onde 46% dos entrevistados tem como renda apenas 1 salário mínimo.

Pode-se elencar como um dos fatores de descontentamento dos proprietários de boxes os baixos lucros auferidos, o que leva Alfredo a sentir saudades da profissão anteriormente exercida: “bom como eu sempre trabalhei, anteriormente em escritório, em área administrativa, é o que eu gostaria de fazer, trabalhar numa área administrativa de alguma empresa de grande porte”. (ENTREVISTA, 2002)

**TABELA 13 – Ganho mensal dos entrevistados**

GANHO MENSAL	FREQUENCIA	%
Até R\$180,00	47	46,08
R\$181,00 à R\$360,00	31	30,39
R\$361,00 à R\$540,00	13	12,75
R\$541,00 à R\$720,00	6	5,88
Acima de R\$721,00	5	4,90
<b>TOTAL</b>	<b>102</b>	<b>100,00</b>

*FONTE:* Pesquisa de campo. Organizada pela autora – 2002

Alfredo alega que “você não sabe o tanto que vai vender num mês ou no outro então não tem como você programar qualquer tipo de coisa, quanto ao INSS eu não to pagando e plano de saúde eu tenho um plano de saúde que eu pago” (ENTREVISTA, 2002). Ou seja, a situação não permite que os mesmos contribuam com o INSS: 82% dos entrevistados alega não ter sobra na renda para que seja possível colaborar com o INSS. A preocupação dos mesmos para com o futuro é justificada pelo plano de saúde, que a maioria paga.



**TABELA 14** – Número de entrevistados que contribuem com o INSS

PAGA INSS COMO AUTONOMO	FREQUENCIA	%
Sim	18	17,65
Não	84	82,35
<b>TOTAL</b>	<b>102</b>	<b>100,00</b>

*FONTE:* Pesquisa de campo. Organizada pela autora – 2002

Quando na entrevista se investiga a história de vida dos entrevistados (vide Tabelas 15, 16 e 17) é possível verificar que 75% dos mesmos já tiveram uma colocação no mercado formal de trabalho; em contrapartida 25% não tiveram as mesmas oportunidades (vide Tabela 15). Com relação ao tempo de trabalho, se descobre que 48% estão no ramo há mais de 5 anos, mas não no mesmo local. O total de entrevistados que está no mesmo local há mais de 5 anos é de apenas 1%, assim, leva à afirmar que o grau de rotatividade dos mesmos é um tanto quanto considerável.

**TABELA 15** – Entrevistados com ocupação em outro ramo

OCUPAÇÃO EM OUTRO RAMO	FREQUENCIA	%
Sim	77	75,49
Não	25	24,51
<b>TOTAL</b>	<b>102</b>	<b>100,00</b>

*FONTE:* Pesquisa de campo. Organizada pela autora – 2002

**TABELA 16** – Tempo de trabalho no ramo

TEMPO DE TRABALHO NO RAMO	FREQUENCIA	%
Até 1 ano	19	18,63
Até 2 anos	14	13,73
Até 3 anos	10	9,80
Até 4 anos	5	4,90
Até 5 anos	5	4,90
Mais de 5 anos	49	48,04
<b>TOTAL</b>	<b>102</b>	<b>100,00</b>

*FONTE:* Pesquisa de campo. Organizada pela autora – 2002

**TABELA 17 – Tempo de trabalho no local**

TEMPO DE TRABALHO NO LOCAL	FREQUENCIA	%
Há menos de 1 ano	52	50,98
Mais de 1 ano	9	8,82
Até 2 anos	9	8,82
Até 3 anos	4	3,92
Até 4 anos	3	2,94
Até 5 anos	1	0,98
Mais de 5 anos	24	23,53
<b>TOTAL</b>	<b>102</b>	<b>100,00%</b>

*FONTE:* Pesquisa de campo. Organizada pela autora – 2002

O meio de locomoção utilizado para chegar ao local de trabalho (vide Tabela 18), é um item a ser considerado. Assim, se leva consideração que os trabalhadores estão distribuídos nos diversos bairros da cidade, como já mencionamos anteriormente: 20% dos entrevistados vão de suas casas para o “Camelódromo” à pé; a maioria dos entrevistados 57% utiliza transporte coletivo e 21% tem carro próprio.

**TABELA 18 – Meio de locomoção dos entrevistados**

MEIO DE LOCOMOÇÃO	FREQUENCIA	%
A pé	20	19,61
De ônibus	59	57,84
Carro próprio	21	20,59
Outros	2	1,96
<b>TOTAL</b>	<b>102</b>	<b>100,00</b>

*FONTE:* Pesquisa de campo. Organizada pela autora – 2002

Os produtos comercializados no “camelódromo” são os mais diversos (vide Tabela 19): 22% comercializam produtos eletrônicos; os alimentos não podem ser comercializados nos boxes sendo destinado a eles as áreas que cercam o camelódromo; 75,49% dos comerciantes comercializam variados tipos de produtos como brinquedos, perfumes, cosméticos, presentes em geral. Esse dado leva à afirmação da competitividade dentro do “camelódromo”, pois a maioria dos boxes comercializa os mesmos tipos de produtos.

A maioria dos produtos comercializados é comprado no Paraguai ou nos grandes centros como São Paulo, gerando algumas dificuldades. Alfredo relata o seguinte:

Bom, no caso da mercadoria que a gente busca em São Paulo, as dificuldades maiores são em relação é, a correria mesmo né, porque não há uma, é não há um policiamento extensivo, uma coisa assim mais forte em relação, agora quem busca no Paraguai, há toda uma dificuldade realmente da fronteira dos policiais na rodovia e tudo né, tudo mais.(ENTREVISTA, 2002)

**TABELA 19** – Tipo de mercadoria comercializada

CATEGORIA	FREQUENCIA	%
Eletrônico	23	22,55
Alimentos	0	0,00
Roupas	2	1,96
Variados	26	25,49
Outros	51	50,00
<b>TOTAL</b>	<b>102</b>	<b>100,00</b>

FONTE: Pesquisa de campo. Organizada pela autora – 2002

Quanto a procedência da mercadoria (vide Tabela 20) todos os entrevistados sabem dizer; apenas 8% trabalham com produtos locais, ou seja, fabricados na cidade de Presidente Prudente; 56% comercializam produtos comprados em outras cidades do Estado, 1% de outro Estado e 36% são produtos de outro país, principalmente do Paraguai.

**TABELA 20** – Procedência da mercadoria comercializada

PROCEDENCIA	FREQUENCIA	%
Não sabe	0	0,00
Local	8	7,84
Outra cidade do Estado	57	55,88
Outro Estado	1	0,98
Outro país	36	35,29
<b>TOTAL</b>	<b>102</b>	<b>100,00</b>

FONTE: Pesquisa de campo. Organizada pela autora – 2002

Apenas 2 comerciantes que compram mercadorias para revender para outros camelôs; a maioria busca seus produtos diretamente nos grande centros de comercialização.

**TABELA 21** – Entrevistados que compram mercadoria para revender

COMPRA MERCADORIAS PARA REVENDER	FREQUENCIA	%
Sim	2	1,96
Não	100	98,04

<b>TOTAL</b>	<b>102</b>	<b>100,00</b>
--------------	------------	---------------

FONTE: Pesquisa de campo. Organizada pela autora – 2002

Porém quando a pergunta é se desejam procurar outra ocupação, a opinião se divide, 49,02% dizem que sim, contra 50,98% que dizem que não.

Os atores com o passar do tempo encontraram no trabalho ao qual foram submetidos uma satisfação em trabalhar no “camelódromo” como o caso de Olívia justificando porque não deixaria de trabalhar no local, “olha eu não deixaria não, porque aqui está excelente” (ENTREVISTA, 2002).

**TABELA 22 – Entrevistados que pensam em procurar outra ocupação**

PENSA EM PROCURAR OUTRA OCUPACAO	FREQUENCIA	%
Sim	50	49,02
Não	52	50,98
<b>TOTAL</b>	<b>102</b>	<b>100,00</b>

FONTE: Pesquisa de campo. Organizada pela autora – 2002

Os dados levantados através dos questionários permite-nos esboçar um perfil dos trabalhadores a partir das seguintes características:

- predominam trabalhadores do sexo feminino (69,6%);
- 48% da população encontra-se na faixa etária acima de 39 anos;
- 96% dos trabalhadores residem em Presidente Prudente (vide Figura 3);
- 97% dos trabalhadores são alfabetizados, sendo que 62% possuem nível escolar superior ao nível médio (antigo colegial);
- 76,5% dos trabalhadores tem renda de até dois salários mínimos (R\$360,00<sup>10</sup>);
- 51% dos trabalhadores trabalham há menos se 1 ano no “camelódromo”.

<sup>10</sup> O salário mínimo vigente na época da entrevista/questionário era R\$180,00

## **4. OS PROTAGONISTAS POR SI MESMOS**

Familiarizada com o objeto de estudo escolhido, o “camelódromo”, e com os atores que atuam no cenário, iniciam-se as entrevistas, ou seja, buscar através do discurso dos atores, a realidade concreta e vivida por eles. Para tanto, foi escolhido as entrevistas com gravador, técnica que proporcionou uma maior segurança no registro dos relatos dos atores que compõem o cenário.

### **4.1. Mercado formal *versus* mercado informal: porque trabalhar no “camelódromo”**

À medida que o comércio local, na cidade de Presidente Prudente, foi se desenvolvendo, ocorre - como é próprio do sistema capitalista - a formação de um mercado excedente de mão-de-obra. Assim, trabalhar no “camelódromo” é a opção, ou melhor, a falta de opção dos atores do cenário. Existem também certos casos onde trabalhar no “camelódromo” significa aumentar a renda familiar; são pessoas já aposentadas ou pessoas que ajudam na complementação da renda.

Buscando a compreensão deste fenômeno, foram entrevistados 6 donos de Box no “camelódromo”: Alfredo, Marcos, Inês, Marilda, Olívia e Joana, na esperança de complementar os dados coletados através dos questionários aplicados na fase inicial.

Assim, ao ouvir alguns atores, pode-se descobrir algumas das razões que os levaram ao “camelódromo”. Alfredo diz o seguinte: “Bom, eu optei por este trabalho por falta de opção, eu trabalhava em escritório, depois que eu sai do escritório eu não consegui arrumar mais nada, é então apareceu esta oportunidade, então foi por falta de opção mesmo” (ENTREVISTA, 2002).

Fica evidente que a falta de políticas governamentais que aloquem os desempregados novamente no mercado de trabalho, acaba lançando os mesmos no mercado informal de trabalho.

Ou ainda como afirma Olívia: “Eu optei por este trabalho porque para mim ficou muito bom, porque ainda tenho uma aposentadoria então mais um para mim seria melhor” (ENTREVISTA, 2002).

Inês, por sua vez, dentre várias opções que teve, veio para o trabalho informal no “camelódromo” por vontade própria, “ai, porque acho que eu gostei mesmo viu, teve várias profissões, mas eu optei por este mesmo” (ENTREVISTA, 2002).

Como se pode perceber, algum tempo “jogado” no mundo do desemprego ou uma aposentadoria com baixos rendimentos, tornam o trabalho informal uma opção para assegurar o sustento, mesmo que como incremento na renda familiar.

Depois de inseridos no mercado de trabalho informal e alocados no “camelódromo” as pessoas encontram uma grande satisfação nesse tipo de trabalho.

Alfredo é um dos entrevistados que não está totalmente satisfeito, “é 100% não, não mesmo. Eu preferia estar trabalhando talvez com outro ramo, outro tipo de negócio”(ENTREVISTA, 2002).

Mas no caso de Joana, é diferente: “A eu só acho que não seria capaz de ver, viver sem ficar aqui dentro” (ENTREVISTA, 2002), o seu trabalho no “camelódromo” já faz parte de sua vida.

Na opinião dos atores a opção dos trabalhadores pelo trabalho autônomo se dá perante à falta de emprego, ou ainda a falta de indústrias em nossa cidade como afirma Alfredo: “no caso de Presidente Prudente a falta de indústrias e a falta de empregos mesmo, porque hoje o comércio é agropecuário que rege Presidente Prudente, e não tem muita opção de emprego, então as pessoas optam pelo mercado informal” (entrevista, 2002).

Ou ainda no intuito de melhorar a renda familiar, como diz Marilda:

Meu caso à parte que sou da década de 70, trabalhava nessa área de artesã né como hippie, mas nos dias de hoje o que levou o pessoal a optar por isso foi a falta de empregos, tá grande né, a economia ajuda o pessoal que só tá em casa, a esposa contribui na renda familiar, então

foi isso que ajudou a aumentar o número de camelôs (ENTREVISTA, 2002).

Se pudessem optar e escolher, alguns dos entrevistados gostariam de exercer as mesmas profissões que exerciam antes no comércio formal, mas há casos como o de Marilda que quando perguntada se gostaria de exercer outra profissão, disse: “Bom, eu particularmente nenhum outro, seria, continuaria sendo artesã” (ENTREVISTA, 2002).

Para Joana, a idéia de que o “camelódromo” deveria ser “pros idosos e pras pessoa necessitada, assim, mas foi feito pra eles mesmo né, mas como não existe emprego as pessoa se opta por qualquer coisa né” (ENTREVISTA, 2002). Isto revela que para alguns atores, esse trabalho não deveria ser a principal opção para os mais jovens ou trabalhadores em plenas condições de trabalho. Porém, diante da falta de empregos na cidade, não lhes resta outra opção.

Olívia por sua vez sente saudades da sala de aula, se pudesse mudar gostaria de “voltar a lecionar” (ENTREVISTA, 2002).

Quanto à condição em que vivem, enxergam como única vantagem de trabalhar como autônomo à ausência de patrão e na liberdade conquistada. Segundo Inês: “Eu acho que é bem melhor, porque pelo menos você não tem patrão, não tem nada, enche o saco” (ENTREVISTA, 2002).

Opinião compartilhada com Alfredo, mas com um certo receio com relação ao futuro:

As vantagens é que você faz o seu horário, é você se programa de acordo com aquilo com as suas necessidades, o dia que você tem que tá ausente você tá ausente não precisa da vantagem, ou é não precisa dá satisfação a ninguém, e as desvantagens é que você tem uma certa insegurança porque você não sabe o mês que você vai vender bem e o mês que você vai vender mal, então não dá assim muito pra você , se de repente você quer comprar uma coisa a prestação você tem que ir meio com o pé atrás porque você não sabe o que você vai, qual o seu lucro é no mês né, então essa é uma das desvantagens (ENTREVISTA, 2002).

Por outro lado, para Marilda essa condição representa a liberdade de criação para seu trabalho como artesã: “Bom eu trabalho muitos anos como autônoma né, pra mim só tem vantagens, eu tenho liberdade de criação no meu ramo eu tenho liberdade de tempo, espaço e lugar” (ENTREVISTA, 2002).



Diante deste cenário pode-se inferir que os atores não deixariam os seus trabalhos no “camelódromo” para voltar ao mercado formal de trabalho, tendo diversos motivos, mas na maioria dos casos a idade, como é o caso de Marilda: “primeiro que eu não quero um emprego fixo no comércio, primeiro que eu não tenho mais idade pra esse emprego, já passei dos quarenta, depois eu não aceitaria mesmo, meu negocio é ser, fazer o que eu faço do jeito que eu faço” (ENTREVISTA, 2002).

#### **4.2. O “camelódromo” como local de trabalho**

Os atores enfrentam algumas dificuldades em seu cotidiano que vão desde a apreensão de mercadorias pela Polícia Federal, as viagens, a alta constante do preço do dólar, falta de capital para investimento e a concorrência entre os próprios camelôs.

Para Alfredo:

É a dificuldade maior que qualquer, é qualquer camelô enfrenta hoje é, sem duvida nenhuma é a apreensão de mercadorias pela Polícia Federal, né que ta sempre pegando no pé e a alta do dólar que ta constante e o que ta ocasionando é, subir os preços das mercadorias né, então ta complicado por esse motivo né (ENTREVISTA, 2002).

A concorrência é um fator que chama a atenção de Marilda: “é complicado porque é muito concorrente né, eu trabalho com ramo de bijouterias, na minha área tem bastante, mas o resto do pessoal eu tenho notado a dificuldade maior é a concorrência, preço desleal uns mais pobres outros mais ricos” (ENTREVISTA, 2002).

A prefeitura, órgão responsável pela criação do “camelódromo” e pela alocação dos camelôs na Praça da Bandeira, deixa a desejar no sentido de prestar assistência aos mesmos, levando alguns camelôs, como é o caso de Alfredo, a reclamarem da falta de apoio público: “ela fez esse ‘camelódromo’, colocô a gente aqui, mas hoje em dia ela num tem nenhum tipo de assessoria pra

gente, não dá nenhuma vantagem a mais pra gente a não ser ter feito esse 'camelódromo' ". Para Marilda, a prefeitura deveria "arrumar emprego, indústria na cidade, alguma outra coisa desse tipo, não mais Box e mais Box de camelôs igual tá no momento" (ENTREVISTA, 2002).

A atual administração da Prefeitura introduziu no "camelódromo" dois tipos de impostos: o alvará de funcionamento, que é cobrado anualmente e do uso do solo, taxa cobrada mensalmente. Nesse caso, as opiniões são divergentes, porque ao mesmo tempo em que os camelôs se vêem no dever de pagar o imposto, as dificuldades do atual comércio fazem do valor cobrado um valor elevado.

Marcos acredita na reversão do imposto em melhorias: "eu acho que é bom né a prefeitura cobrar sobre o uso do solo para poder fazer alguma benfeitoria no 'camelódromo'" (ENTREVISTA, 2002).

Com relação ao espaço do Box, a área colocada à disposição dos camelôs é tida com insuficiente, onde depois de alocadas a mercadoria dentro do Box, não sobra espaço para o vendedor se mexer. Assim, o mesmo é obrigado a colocar parte de sua mercadoria fora do Box, para uma melhor exposição dos seus produtos. Quanto a isso, Joana faz uma observação interessante:

Olha o povo de dentro do Box gostaria que ele fosse um pouco mais larguinho né, mas quando a gente, nós entramo aqui ele já era, o projeto vem da prefeitura e ninguém tem direito de falar, direito teria, mas ninguém alembro de falar antes de ser construído, então teve que ser aceitável (ENTREVISTA, 2002).

Atualmente o condomínio não conta com um responsável para garantir os direitos dos camelôs perante os órgãos públicos. O aumento, no ano de 2002, do número de boxes, trouxe algum descontentamento como se pode observar na fala de Marilda:

É difícil a gente falar o que mudaria nós éramos 96 boxes agora são 244, então a gente não tem muito o que mudar aqui dentro, nós, nós não temos o que mudar, o que se muda é o que os políticos querem mudar, a prefeitura quer mudar vem aqui simplesmente muda e pronto, a gente não pode fazer nada, não tem mudança nenhuma(ENTREVISTA, 2002).

Para Olívia: “Eu gostaria se fosse mudar, aumentar o espaço, mas já que não tem jeito nos continuamos do jeito que está” (ENTREVISTA, 2002). Pode-se considerar que os atores cansados de reivindicações sem serem atendidos, em muitos casos acabam por desistirem de alguns benefícios.

Quanto ao fluxo de vendas no “camelódromo”, há uma grande oscilação. Segundo Alfredo: “Você não sabe o tanto que vai vender num mês ou no outro então não tem como você programar qualquer tipo de coisa” (ENTREVISTA, 2002). São fatores como este que transmitem a falta de segurança no trabalho informal no “camelódromo”. Com os poucos lucros, os mesmos pagam planos de saúde para se garantirem. Porém, quanto ao INSS os mesmos afirmam não recolherem, fato explicado em parte pelas precárias condições de atendimento oferecidas pelos serviços públicos.

A perspectiva com relação ao futuro é incerta. Não pensam em aposentadoria e mesmo os que já são aposentados não pensam em parar suas atividades no “camelódromo” tão cedo.

### 4.3. As relações sociais no “camelódromo”

Levando em consideração a cobrança de impostos e encargos que o comércio formal tem, o “camelódromo” se faz como uma ameaça, pois “rouba” os consumidores do comércio formal. Para Inês: “Bom se sabe que isso aí é, é comércio né, imposto né, lógico que o comércio da cidade não aceita o ‘camelódromo’, só que nós precisamos trabalhar né, infelizmente” (ENTREVISTA, 2002). No entanto, as relações entre comerciantes formais e comerciantes do “camelódromo” não são tumultuadas.

A qualidade e preço dos produtos comercializados determinam parte desse confronto. É como diz Alfredo:

É em relação aos comerciantes da cidade, nós somos talvez mal vistos, porque é uma concorrência direta a eles, com produtos que hoje em dia de uma qualidade até boa, e com preços bem inferiores e por a gente não pagar o mesmo tanto de impostos que eles pagam então acredito que eles nos vêem com mal olhos, mas em relação a nós com eles é normal (ENTREVISTA, 2002).

Quanto aos organismos policiais, as relações se dão através da fiscalização, realizada constantemente. Inês acredita que “bom, cada como eles, eles tem o salário deles, eles são funcionários também, eu acho que eles agem conforme a profissão” (ENTREVISTA, 2002). Assim sendo, estão ali somente cumprindo seu dever enquanto agente fiscalizador, ou seja, a Polícia Militar e Federal são responsáveis pela fiscalização dentro do “camelódromo”.

Já a Polícia Federal atua também na fronteira, onde a mesma, com grande frequência faz apreensão de mercadorias dos camelôs. Marcos demonstra o seu descontentamento “o pessoal tá pegando muito em cima sobre a mercadoria do Paraguai que a gente traz então o federal tá de marcação, né” (ENTREVISTA, 2002).

O número de camelôs que trabalha para sustento seu e de sua família é considerável; a maior parte deles passa o dia todo nos boxes, caso de Marilda: “Tenho, eu tenho mãe, tenho irmãs, são meios de vida hoje. Eu tenho filha

formada que no fim das contas acabô virando camelô, fazendo crochezinho, irmã estudante, não adianta nada” (ENTREVISTA, 2002).

Este depoimento acaba por revelar uma certa descrença em relação aos meios formais de “ganhar a vida”. “Tenho filha formada que no fim das contas acabo virando camelô, fazendo crochezinho, irmão estudante, não adianta nada” (ENTREVISTA, 2002). Ou seja, a falta de opção profissional não estaria ligada à falta de escolaridade.

Com relação à administração do espaço, a estrutura difere de corredor a corredor. Eles se organizam para trazer melhorias para sua área. Existe uma regra de respeito mútuo com relação ao espaço disputado fora dos boxes para exposição das mercadorias. Nos primeiros 96 boxes, os corredores já contam com um certo grau de conforto para seus clientes. Os camelôs se organizaram no sentido de melhorar o ambiente e instalaram ventiladores para os dias mais quentes. O funcionamento dessa organização passa por uma evolução, como qualquer outra relação social. É como diz Joana:

No começo foi difícil né porque o pessoal vem da rua, vem assim com uma cabeça muito livre e quando chega aqui ele sabe que tem leis, tem regras e fica difícil, só são sete anos no “camelódromo”, são sete anos que o pessoal tá aprendendo, no momento tá tudo assim quase que normalizado, quase que tornando uma civilização (ENTREVISTA, 2002).

Este comentário de Joana revela uma “sabedoria” que passa despercebida ao observador desatento. Ela revela que apesar da simplicidade do espaço, são necessárias regras para regular seu bom funcionamento, o que permite inferir que os “camelôs” transportam para este espaço as regras que regulamentam suas vidas cotidianas.

#### **4.4. Os camelôs e suas mercadorias maravilhosas: quem quer comprar?**

O “camelódromo” exerce um papel importante dentro da economia da cidade de Presidente Prudente por constituir num importante centro comercial e

importante alternativa atendendo diariamente contingente significativo da população prudentina.

A maioria dos comerciantes trabalha com produtos importados. Esses comerciantes fazem suas compras no Paraguai e nos grandes centros em São Paulo. Quando não produtos, a matéria-prima. É o caso de Joana, que compra produtos importados para montagem de suas bijuterias: “Eu trabalho só com produtos nacionais, a minha área é a bijouteria né. Eu 70%, eu confecciono, a não ser produtos assim pra montagem. Às vezes a gente cai nas malhas de comprar o que vende mais barato, é o importado” (ENTREVISTA, 2002).

Ainda, as mercadorias comercializadas no “camelódromo” são das mais diversas que se pode imaginar, satisfazendo todos os gostos dos consumidores, de diversas idades. Considerando que a compra, o consumo, satisfaçam os desejos e necessidades de diversas pessoas, pode-se inferir que o “camelódromo” desempenha importante papel na economia prudentina.

A preferência de muitos consumidores em realizar suas compras no “camelódromo” se justifica pelo fato da variedade de produtos encontrados nos boxes e também pelos baixos preços que são um grande atrativo. A qualidade dos produtos importados é considerada como excelente, como já mencionado anteriormente: são produtos que concorrem perfeitamente com os produtos comercializados no comércio formal da cidade. Ou ainda, como afirma Olívia, “olha eu acho o importado melhor ainda que o nacional. Os nacionais são mercadorias que não são bonitas, os importados são lindos a mercadoria” (ENTREVISTA, 2002). As mercadorias comercializadas pelos nossos atores representam o diferencial existente para o comércio; é nessa beleza da mercadoria que Olívia coloca que está a motivação de muitos para continuar a trabalhar como camelô.

Porém, o proprietário do Box enfrenta muitas dificuldades para que essa mercadoria se faça presente nos boxes do “camelódromo”. As dificuldades para realizar as suas compras são diversas como diz Marcos: “todas as dificuldades, né! Fronteira, a viagem em si, de repente a gente vem na viagem, o federal para, a gente perde toda a mercadoria. São essas dificuldades, a dificuldade do roubo na estrada né, os ônibus são bastante assaltados” (ENTREVISTA, 2002).

Além das dificuldades encontradas durante a viagem existe também a concorrência entre produtos nacionais e importados. Segundo Marcos: "a concorrência existe porque os produtos importados são bem mais em conta né! Então, hoje em dia a pessoa procura muito variedade e não qualidade né. Então vem aqui no "camelódromo" comprar porque acha um preço inferior, mais melhor pra comprar né" (ENTREVISTA, 2002).

As mercadorias comercializadas pelos "camelôs" enfeitam a paisagem, chamando a atenção da população, onde além da utilidade encontram a satisfação em comprar os produtos ali comercializados.

## 5. BREVES CONSIDERAÇÕES

Os fatores que levaram à construção do “camelódromo” na cidade de Presidente Prudente em 1995, não diferem dos fatores que levaram à ampliação do mesmo em 2002. Ou seja, passados seis anos, a prefeitura local foi obrigada a ampliar o “camelódromo” com a finalidade de abrigar vendedores ambulantes que novamente tomaram conta do calçadão onde funciona o comércio formal. Esses fatores podem ser justificados pelo aprofundamento da crise econômica e da escassez de postos no mercado de trabalho.

A profissão de “camelô” representa a trajetória de um segmento social que comercializa seus produtos nas ruas. Diante das pressões do comércio formal, passaram a ser “proprietários” de boxes no “camelódromo”, ou seja, passaram a ser “patrões”. Se, por um lado não tem obrigações com relação a horários, por outro, não possuem perspectivas com relação ao futuro no que diz respeito aos lucros e à estabilidade de sua atividade.

Outro fator importante a ser ressaltado é que a informalidade econômica leva a relações informais com eventuais empregados. Ironicamente, os mesmos trabalhadores que ingressaram no mercado informal estabelecem relações trabalhistas marginais com outros trabalhadores, ou seja, uma nova lógica do trabalho passa a vigorar nas relações com seus “empregados”.

As formas de trabalho dentro do “camelódromo” se mostram as mais competitivas. Arranjados, lado a lado, comercializam na sua maioria os mesmos tipos de produtos, sendo em poucos casos as mercadorias diferenciadas.

No que diz respeito ao grau de rotatividade, apesar das dificuldades da economia atual, poucos são os que não conseguem manter seu negócio no “camelódromo”.

As relações entre comerciantes formais e comerciantes informais, apesar de terem um tratamento diferenciado, com relação à cobrança de impostos, se dão de uma forma tranqüila, principalmente depois que os “camelôs” foram alocados na Praça da Bandeira e deixaram de ser uma ameaça direta ao comércio formal.



A contribuição do presente trabalho se dá pela possibilidade de compreensão do fenômeno do trabalho informal na economia capitalista, considerando-se os trabalhadores do “camelódromo” de Presidente Prudente. Pode-se perceber que há uma forte tendência ao crescimento dessa atividade levando a uma inevitável segregação do comércio informal por parte do poder público que precisa dar respostas adequadas ao comércio formal. Ou seja, o trabalhador é duplamente penalizado: primeiro, por ser excluído do mercado formal de trabalho, sendo obrigado a buscar alternativas marginais na economia para sobreviver; em segundo lugar, porque acaba também segregado espacialmente na cidade, alocado num espaço onde não ameaça os “homens de bem”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, Peter L. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística**. Petrópolis: Vozes, 1976.

CATANI, Afrânio Mendes. **O que é capitalismo**. 34.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CUT: Dignidade para quem faz o país. O trabalho informal no Brasil: **As definições do trabalho informal**. Disponível em: <<http://www.coonat.org.br/portalcut/desep/a50110.htm>> Acesso em: 30 Out. 2002.

COOK, S.M. et al. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo: HERDER: Edusp, 1965.

DEMO, Pedro. **Charme da exclusão social**. São Paulo: Autores Associados, 1998.

ENTREVISTA, realizada junto aos trabalhadores do camelódromo de Presidente Prudente. 2002. 15 min.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1999.

FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Marcelino Andrade. **A territorialização do trabalho informal: um estudo a partir dos catadores de papel-papelão e dos camelôs em Presidente Prudente – SP**. 2000. 224 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

HAGUETE, Teresa M. Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

HARVEY, David. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1976.

HUNT, E. K. **História do pensamento econômico**. 7.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

IANNI, Octavio. **A sociologia e mundo moderno**. São Paulo: EDUC, 1988.

LEFÉVRE, F. ; LEFÉVRE, A.M.C. Os novos instrumentos no contexto da entrevista qualitativa. In: LEFÉVRE, F. (org.) *et al.* **O discurso do sujeito coletivo**: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: Educs, 2000. p. 11-36.

LEITE, José Ferrari. **A alta sorocabana e o espaço polarizado de Presidente Prudente**. Presidente Prudente: FFCLPP, 1972.

LUCAS, Daniela de Oliveira. *et al.* **Os catadores de papelão da cidade de Presidente Prudente**: trabalho e sobrevivência. 200. 69f. Monografia (Graduação em Serviço Social. Associação Educacional Toledo, Presidente Prudente.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. 10.ed. São Paulo: 1985. (Livro I, Vol II).

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOORE, Mike. Globalização: Novidade ou continuidade. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 23 maio 2001. Opinião, p.A3.

OFFE, Claus. **Capitalismo desorganizado** transformações contemporâneas do trabalho e da política. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

**Os mapas: mapa do estado de são Paulo**. Disponível em:  
<<http://www.osmapas.hpg.com.br/brasilestados/saopaulo.jpg>>. Acesso em: 28 Set . 2002.

QUEIROZ, Maria Isaura de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: CERU e FFLCHU/USP, 1983 (col.textos, 4)

SAMPAIO JÚNIOR, Plínio de Arruda. **Entre a nação e a barbárie**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SANDRONI, Paulo. **Novíssimo dicionário de economia**. São Paulo: Editora Best Seller, 1999.

SANTOS, Boaventura de Souza. Democracia convive com fascismo Social. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 21 maio 2001. Folha Brasil, p. A7.

**Taxa de Desemprego Aberto com ajuste sazonal**, Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/2002>> Acesso em: 30 Out. 2002.

TANGANINI, José Marcos. **Uma análise comparativa a teoria da dependência**. 1996, 45f. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas). Instituição Toledo de Ensino, Presidente Prudente.

## **ANEXO A – Questionário para traçar perfil socioeconômicos dos proprietários de Box no “camelódromo”**

### **QUESTIONÁRIO PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO**

01.Sexo:

01.1() Feminino 01.2() Masculino

02.Idade:

02.1() Faixa 1(entre 15 e 18 anos 02.2() Faixa 2(entre 19 e 23 anos)

02.3() Faixa 3(entre 24 e 33 anos) 02.4() Faixa 4(entre 34 e 38 anos)

02.5() Faixa 5(entre 39 e 43 anos) 02.6() Faixa 6(acima de 44anos)

03.Estado Civil:

03.1() Solteiro 03.2() Casado

03.3() Separado 03.4() Viúvo

04.Local de residência?

04.1 Presidente Prudente () Sim () Não

04.2 Bairro:\_\_\_\_\_.

04.3 Tempo de residência:

04.3.1 () menos 1 anos 04.3.2 () 1 a 5 anos 04.3.3 () mais 5 anos

04.4 Outra Cidade. Qual ?\_\_\_\_\_

05.Reside em casa?

5.1() Própria 5.2() Alugada

5.3() Cedida 5.4() Financiada

06.Grau de escolaridade:

06.1() Analfabeto 06.2() Primário Completo

06.3() Primário Incompleto 06.4() Ginásio Completo

06.5() Ginásio Incompleto 06.6() Colegial Completo

06.7() Colegial Incompleto 06.8() Superior Completo

06.9() Superior Incompleto 06.10() Outros

07.Qual a formação profissional?\_\_\_\_\_.

07.1()Curso técnico 2º grau 07.2() Curso superior

07.3()Outros Cursos. Qual?\_\_\_\_\_ 07.4() Na prática.

08.Quantos membros têm a família?\_\_\_\_\_.

09.Número de estudantes na família?\_\_\_\_\_.

10.É dono do Box?

10.1() Sim.Quantos Box possui?\_\_\_\_\_.

10.2() Não.Possui vinculo empregativo?

10.2.1() Sim 10.2.2() Não.

11.Quantas pessoas trabalham no Box?\_\_\_\_\_.

12.Qual é o horário de atendimento do Box? \_\_\_\_\_.

13.Até quanto ganha por mês?

- 13.1( ) Até R\$180,00 13.2( ) R\$181,00 á R\$360,00  
13.3( ) R\$361,00 a R\$540,00 13.4( ) R\$541.00 a R\$720.00  
13.5( ) Acima R\$721,00
- 14.Paga INSS como autônomo?  
14.1( ) Sim 14.2( ) Não
- 15.Paga algum tipo de tributo à prefeitura?  
15.1( ) Sim.Qual? \_\_\_\_\_  
15.2( ) Não.
- 16.Teve ocupação em outro ramo?  
16.1( ) Sim. Qual? \_\_\_\_\_  
16.2( ) Não
17. Há quanto tempo trabalha neste ramo?  
17.1( ) Até 1 ano 17.2( ) Até 2 anos  
17.3( ) Até 3 anos 17.4( ) Até 4 anos  
17.5( ) Até 5 anos 17.6( ) Mais de 5 anos
- 18.Há quanto tempo encontra-se trabalhando neste local?  
18.1( ) Há menos de 1 ano 18.2( ) Mais de 1 ano  
18.3( ) Até 2 anos 18.4( ) Até de 3 anos  
18.5( ) Até 4 anos 18.6( ) Até 5 anos 18.7( ) Mais de 5 anos
- 19.Por que montou seu negocio neste local? \_\_\_\_\_
- 20.Qual o meio de locomoção para chegar até o local de trabalho?  
20.1( ) a pé 20.2( ) de ônibus  
20.3( ) de carro próprio 20.4( ) outros
- 21.Que tipo de mercadoria comercializa?  
21.1( ) Eletrônico 21.2( ) Alimentos.  
21.3( ) Roupas 21.4( ) Variados  
21.5( ) Outros.Quais? \_\_\_\_\_
- 22.Qual a procedência da mercadoria?  
22.1( ) Não sabe 22.2( ) Local  
22.3( ) Outra cidade do Estado 22.4( ) Outro Estado  
22.5( ) Outro País. Qual? \_\_\_\_\_
- 23.Compra mercadoria para revender para outros camelôs?  
23.1( ) Sim 23.2( ) Não
24. Pensa em procurar outra ocupação?  
24.1( ) Sim.Qual? \_\_\_\_\_  
24.2( ) Não.Porque? \_\_\_\_\_

## **ANEXO B – Entrevista qualitativa com proprietários de Box no “camelódromo”.**

### **Entrevista - Alfredo**

#### **1-Entrevistador: Porque optou por este trabalho?**

**Entrevistado:** Bom eu optei por este trabalho por falta de opção, eu trabalhava em escritório, depois que eu sai do escritório eu não consegui arrumar mais nada, é então apareceu esta oportunidade, então foi por falta de opção mesmo.

#### **2-Entrevistador: Você está satisfeito com sua opção?**

**Entrevistado:** É 100% não, não mesmo. Eu preferia estar trabalhando talvez com outro ramo, outro tipo de negocio.

#### **3-Entrevistador: Em sua opinião, o que tem levado tantas pessoas a optarem pelo trabalho autônomo no camelódromo?**

**Entrevistado:** Acho que é justamente é, no caso aqui de Presidente Prudente a falta de industrias e faltas de opção de empregos mesmo, por que hoje é o comercio é agropecuário que rege Presidente Prudente, e não tem muita opção de emprego, então é por isso que as pessoas optam por esse mercado informal.

#### **4-Entrevistador: Se pudesse mudar, que tipo de trabalho gostaria de exercer?**

**Entrevistado:** Bom como eu sempre trabalhei, anteriormente em escritório, em área administrativa, é o que eu gostaria de fazer, trabalhar numa área administrativa de alguma empresa de porte grande.

#### **5-Entrevistador: Quais as dificuldades você tem enfrentado nesse ramo de trabalho?**

**Entrevistado:** É a dificuldade maior que qualquer, é qualquer camelô enfrenta hoje é, sem duvida nenhuma é a apreensão de mercadorias pela policia federal, né que ta sempre pegando no pé e a alta do dólar que ta constante e o que ta ocasionando é, subir os preços das mercadorias né, então ta complicado por esse motivo né, na minha opinião.

#### **6-Entrevistador: Como você avalia as ações da prefeitura municipal com relação ao trabalho no camelódromo?**

**Entrevistado:** Á eu acho que a prefeitura ela, se mantém, é na dela, ela num, ela fez esse camelódromo, coloco a gente aqui, mas hoje em dia ela num tem nenhum tipo de acessória pra gente, num dá nenhuma vantagem a mais pra gente a não ser ter feito esse camelódromo pra cá, e cada um que se vire e mantenha-se como puder

#### **7-Entrevistador: Como você avalia o imposto cobrado pela prefeitura sobre o uso do solo?**

**Entrevistado:** É, eu acho ele caro, porque , hoje ele ta em torno de dezoito, dezoito UFIR, dezoito FMI, sei lá como que é o nome do imposto, é e pelo espaço aqui e pelo lucro que a gente tem, eu acho que ele é caro, eu acho que deveria ser cobrado um poco menos

#### **8-Entrevistador: Como são as relações dos comerciantes do camelódromo com os demais comerciantes da cidade?**

**Entrevistado:** Bom, é, eu acredito que nós, é em relação aos comerciantes da cidade, nos somos talvez mal vistos, por que é uma concorrência direta a eles, com produtos assim que hoje em dia de uma qualidade até boa, e com preços bem inferiores e por a gente não pagar o mesmo tanto de impostos que eles

pagam então acredito que eles é nos vêem com mal olhos, mas em relação a nós com eles é uma relação normal.

**9-Entrevistador: Como se dá à relação com os organismos policiais (PM, PF e Pcivil)?**

**Entrevistado:** Bom a policia militar ela vem atendendo a gente de imediato sempre quando ocorre alguma ocorrência algum tumulto alguma coisa sempre a policia militar vem, vem prestar aqui os seus serviços, e mesmo quando não ta ocorrendo nada eles tão sempre por aqui, quanto a policia federal e a policia civil, é a civil raramente aparece aqui, só aparece quando é dia que eles vão fazer uma blitz alguma coisa, alguma apreensão, os federal num, num costumam vim aqui não, a federal ela age mais nas rodovias.

**10-Entrevistador: Como você avalia o espaço físico do Box?**

**Entrevistado:** É um espaço pequeno, um espaço que, é mal cabe as mercadorias então sempre a gente tem que colocar as mercadorias pra fora do Box pra poder expor, porque hoje em dia pra você vender você tem que ter variedade se você tiver pouca coisa a sua loja passa ela despercebido, então eu acho que o espaço é muito pequeno.

**11-Entrevistador: Existem mais pessoas da família envolvidas no negocio?**

**Entrevistado:** Não só eu

**12-Entrevistador: Quais as vantagens e desvantagens do trabalho autônomo?**

**Entrevistado:** Bom as vantagens é que você faz o seu horário, é você se programa de acordo com aquilo com as suas necessidades, o dia que você tem que ta ausente você ta ausente não precisa da vantagem, ou é não precisa da satisfação a ninguém, e as desvantagens é que você tem uma certa insegurança porque você não sabe o mês que você vai vender bem e o mês que você vai vender mal, então não da assim muito pra você, se de repente você quer comprar uma coisa a prestação você tem que ir meio com o pé atrás por que você não sabe o que que você vai, qual o seu lucro é no mês né, então essa é uma das desvantagens.

**13-Entrevistador: Se você conseguisse um emprego fixo no comércio, deixaria esse trabalho?**

**Entrevistado:** É no comercio em si loja não, só se fosse por um bom salário, mas se eu arrumasse igual e havia dito anteriormente em um escritório de uma empresa, é de um porte razoável eu largaria sim.

**14-Entrevistador: Você trabalha com produtos importados?**

**Entrevistado:** Sim, trabalho.

**15-Entrevistador: De quem os compra?**

**Entrevistado:** Eu busco todos em São Paulo, não vou para o Paraguai, é eu busco somente em São Paulo.

**16-Entrevistador: Se você traz, quais são as dificuldades que enfrenta?**

**Entrevistado:** Bom, no caso é da mercadoria que a gente busca em São Paulo, as dificuldades maiores são em relação é, a correria mesmo né, porque não há uma, é não há um policiamento extensivo, uma coisa assim mais forte em relação a São, agora quem busca em no Paraguai, há toda uma dificuldade realmente da fronteira dos policiais na rodovia e tudo né, tudo mais.

**17-Entrevistador: O que você acha da concorrência entre produtos nacionais e importados?**

**Entrevistado:** É hoje em dia os produtos nacionais são bem mais caros que os produtos importados, mas é existe também por exemplo as grandes redes, as



grandes lojas, elas trabalham também com grande parte de grande mercadoria de preços

**18-Entrevistador:** Como os comerciantes do camelódromo se organizam para administrar o espaço?

**Entrevistado:** Bom aqui é hoje em dia nos não temos uma associação, uma pessoa responsável, então é cada um sabe dos seus direitos e deveres, assim em relação ao seu espaço, por exemplo eu não invado o espaço do meu vizinho e o meu vizinho não invade o meu espaço, então cada um se auto-polícia e assim a gente vai sem se entromete na vida de ninguém vai levando a vida ai.

**19-Entrevistador: Na sua opinião, essa organização funciona?**

**Entrevistado:** É, hoje nos estamos ai em cerca de talvez 200 camelos aqui, então onde existe muita gente sempre há discórdia de algumas coisas mas na sua, na grande maioria do tempo funciona, mas agora algumas vezes existe alguma confusãozinha ou outra, mas que é resolvido né com conversa.

**20-Entrevistador: Se pudesse mudar alguma coisa no condomínio, o que mudaria?**

**Entrevistado:** Á eu acho que a coisa principal hoje que ta pegando assim, é justamente a falta de uma pessoa responsável aqui pelo, que tomasse a frente de tudo né, que hoje nós não temos eu acho que partiria por ai, uma associação seria uma pessoa que realmente cuidasse dos interesses nossos aqui.

**21-Entrevistador: Você tem segurança com esse trabalho? Paga INSS ou outro tipo de previdência? Tem Plano de Saúde?**

**Entrevistado:** Ó é, segurança, é nós é igual eu disse, por exemplo você não sabe o tanto que você vai vender num mês ou no outro então não tem como você programar qualquer tipo de coisa, é então a insegurança que existe na minha opinião é nesse sentido e quanto ao INSS no momento eu não to pagando e plano de saúde eu tenho um plano de saúde que eu pago.

**22-Entrevistador: Você pensa em como e quando se aposentar?**

**Entrevistado:** Não penso.

## **Entrevista - Inês**

**1-Entrevistador: Porque optou por este trabalho?**

**Entrevistado:** Ai, porque acho que porque eu gostei mesmo viu, teve várias profissões mas eu optei por este mesmo.

**2-Entrevistador: Você está satisfeito com sua opção?**

**Entrevistado:** Estou, realmente to.

**3-Entrevistador: Em sua opinião, o que tem levado tantas pessoas a optarem pelo trabalho autônomo no camelódromo?**

**Entrevistado:** Falta de serviço, trabalho.

**4-Entrevistador: Se pudesse mudar, que tipo de trabalho gostaria de exercer?**

**Entrevistado:** Exercer? ... há não sei viu, não sei eu gosto de todo tipo de trabalho, eu pra mim tanto faz um como outro, eu, eu gosto de trabalhar.

**5-Entrevistador: Quais as dificuldades você tem enfrentado nesse ramo de trabalho?**

**Entrevistado:** É dinheiro mesmo, o problema é dinheiro é trabalho mesmo, que a gente que trabalha e, e não entra salário não entra dinheiro, o povo também né, as dificuldades não é só pra mim é pra todos.

**6-Entrevistador: Como você avalia as ações da prefeitura municipal com relação ao trabalho no camelódromo?**

**Entrevistado:** Bom pelo menos o que nos vê sobre a prefeitura que nos tudo que pedimos a eles, eles nos serviu, eles não negou nada pra nois.

**7-Entrevistador: Como você avalia o imposto cobrado pela prefeitura sobre o uso do solo?**

**Entrevistado:** Justo, eu concordo sim, lógico.

**8-Entrevistador: Como são as relações dos comerciantes do camelódromo com os demais comerciantes da cidade?**

**Entrevistado:** Bom se sabe que isso ai é, é comercio né, imposto né, lógico que o comercio da cidade não aceita o camelódromo, só que nos precisamos trabalhar né, infelizmente.

**9-Entrevistador: Como se dá a relação com os organismos policiais (PM, PF e Pcivil)?**

**Entrevistado:** Bom, cada como eles, eles tem o salário deles, eles são funcionários também, eu acho que elas agem conforme a profissão, eu não sou contra não.

**10-Entrevistador: Como você avalia o espaço físico do Box?**

**Entrevistado:** Ótimo, muito bom.

**11-Entrevistador: Existem mais pessoas da família envolvidas no negocio?**

**Entrevistado:** Meu não, é só eu mesmo da minha família.

**12-Entrevistador: Quais as vantagens e desvantagens do trabalho autônomo?**

**Entrevistado:** Há eu acho que o trabalho autônomo é você por conta sua mesma né?, eu acho que é bem melhor, porque pelo menos você não tem patrão, não tem nada, enche o saco.

**13-Entrevistador: Se você conseguisse um emprego fixo no comércio, deixaria esse trabalho?**

**Entrevistado:** Há eu acho que sim, mas pela idade da gente porque quando a gente pega uma idade avançada, nenhum comercio ele coloca a gente, ele dá prioridade aos mais novos, né, as pessoas mais velhas passou da faixa eles já não dão mais trabalho.

**14-Entrevistador: Você trabalha com produtos importados?**

**Entrevistado:** Trabalho, eu trabalho com bijuteria, mas são importação também.

**15-Entrevistador: De quem os compra?**

**Entrevistado:** Há eu compro em São Paulo.

**16-Entrevistador: Se você traz, quais são as dificuldades que enfrenta?**

**Entrevistado:** Bom na realização, policia, federais, né, notas fiscais que a gente não tem, a gente traz com a mente..., a gente sabe que a gente é clandestina, mas a gente quer trabalho, a gente quer trabalhar não tamos pra roubar nem nada.

**17-Entrevistador: O que você acha da concorrência entre produtos nacionais e importados?**

**Entrevistado:** Isso ai é normal viu, eu acho que tem que ter a concorrência, a gente tem q te opção pra trabalho né, procura.

**18-Entrevistador: Como os comerciantes do camelódromo se organizam para administrar o espaço?**

**Entrevistado:** Invadindo o dele e o dos outro, não tem respeito.

**19-Entrevistador: Na sua opinião, essa organização funciona?**

**Entrevistado:** Há funcionar não funciona não, por que aqui oh quem pode mais chora menos quem chora menos chora mais, entendeu, aqui é assim o espaço é assim.

**20-Entrevistador: Se pudesse mudar alguma coisa no condomínio, o que mudaria?**

**Entrevistado:** No condomínio, eu acho que o respeito, dignidade que não ta tendo.

**21-Entrevistador: Você tem segurança com esse trabalho? Paga INSS ou outro tipo de previdência? Tem Plano de Saúde?**

**Entrevistado:** Tem, tem plano de saúde sim, graças a deus tenho sim. Não, segurança no trabalho eu não tenho não, mas plano de saúde a gente sempre tem.

**22-Entrevistador: Você pensa em como e quando se aposentar?**

**Entrevistado:** Ó depois dos meus 50 anos por enquanto não.

## **Entrevista - Joana**

**1-Entrevistador: Porque optou por este trabalho?**

**Entrevistado:** A por que eu gosto de se comunicar.

**2-Entrevistador: Você está satisfeito com sua opção?**

**Entrevistado:** A eu só acho que eu não seria capaz de ver, viver sem ficar aqui dentro.

**3-Entrevistador: Em sua opinião, o que tem levado tantas pessoas a optarem pelo trabalho autônomo no camelódromo?**

**Entrevistado:**A é falta desemprego não tem emprego e as pessoas novas, aqui puderia se só pros idoso pras pessoa necessitada assim, mas foi feito pra eles mesmo né, mas como não existe emprego as pessoa se opta por qualquer coisa, tem opção por qualquer coisa que aparece. E aqui é maravilhoso pra trabalha.

**4-Entrevistador: Se pudesse mudar, que tipo de trabalho gostaria de exercer?**

**Entrevistado:** A qualquer que fosse comunicativo que eu gosto de comunica, eu trabalhei sempre em política porque eu gosto de comunica com as pessoa.

**5-Entrevistador: Quais as dificuldades você tem enfrentado nesse ramo de trabalho?**

**Entrevistado:** No ramo de trabalho a gente aqui não enfrenta, aqui nos camelódromo, mas nas viaje, as dificuldades são as viagens e o medo da estrada.

**6-Entrevistador: Como você avalia as ações da prefeitura municipal com relação ao trabalho no camelódromo?**

**Entrevistado:** A sempre foi boa, sempre eles vem olhar fiscalizar, tem fiscal, e sempre eles falam que quer mudar um negocio mas as pessoas as veis não aceita, então continua assim e vai te presidência nova vai agora vai te eleição pra presidência quem sabe vem um mais enérgico e muda um poquinho

**7-Entrevistador: Como você avalia o imposto cobrado pela prefeitura sobre o uso do solo?**

**Entrevistado:** A gente avalia um pouco alto né porque esse ano foi veio alto né, mas depois o povo falou falou e concordou, todo mundo tá pagando porque porque ele tem direito de cobrar né, porque vem tudo pela prefeitura.

**8-Entrevistador: Como são as relações dos comerciantes do camelódromo com os demais comerciantes da cidade?**

**Entrevistado:** A os comerciantes da cidade e os daqui do camelódromo eles não implicam muito não, eles num num tem nada a ver, porque eles lá é do jeito deles eles vendem o preço que eles que nois também vende o preço que nois que né então eles não infrui não, não tá tendo, assim discussão nenhuma, sobre isso eles não envolve com nada. Por enquanto não vieram envolver os da da cidade com os nosso.

**9-Entrevistador: Como se dá a relação com os organismos policiais (PM, PF e Pcivil)?**

**Entrevistado:** A aqui pra nois eles nunca envolveram com nada, quando eles vêm eles vem fazê as comprinhas deles, conversa tem muitos que tem amizade com todos daqui conversa brinca, os federal também a gente enfrenta quando trás, eu nunca aconteceu nada por que eu trago, vem sempre dentro da cota, mas a gente tem um poquinho teme um pouco quando, os federal.

**10-Entrevistador: Como você avalia o espaço físico do Box?**

**Entrevistado:** Olha o a o povo de dentro do Box, gostaria que ele fosse um pouco mais larguinho né, mas quando a gente nos entramo aqui ele já era, o projeto vem da prefeitura ninguém tem direito de falar, direito teria, mas ninguém alembro de fala antes de ser construído então teve que ser aceitável.

**11-Entrevistador: Existem mais pessoas da família envolvidas no negocio?**

**Entrevistado:** Não aqui no camelódromo só trabalha eu.

**12-Entrevistador: Quais as vantagens e desvantagens do trabalho autônomo?**

**Entrevistado:** O trabalho autônomo a desvantagem dele é que se a gente não pagar nada as pessoas novas jovens que tem q pagar, o inps, vou falar inps, o inps então não vai ter onde se encostar quando não puder trabalhar, não puder viajar, não tem nada a que se apegar né, mas eu eu já recebo, eu já não preciso pagar.

**13-Entrevistador: Se você conseguisse um emprego fixo no comércio, deixaria esse trabalho?**

**Entrevistado:** Acho que não deixaria não porque uma que eu gosto daqui, outra que quase o horário meu é um pouco atrasado, eu chego sempre atrasada e no comercio tem que ter horário certo né, não deixaria

**14-Entrevistador: Você trabalha com produtos importados?**

**Entrevistado:** Eu trabalho com miudeza, gosméticos todo importado, tudo do Paraguai.

**15-Entrevistador: De quem os compra?**

**Entrevistado:** Eu lá eu compro de de nas galerias mais é coreano, tem muito pocos paraguaio mais Koreano

**16-Entrevistador: Se você traz, quais são as dificuldades que enfrenta?**

**Entrevistado:** Enfrenta as, quando enfrenta dificuldade é na ponte na passagem na ponte e quando quase chegando aqui, quando para, quando não, não tem dificuldade.

**17-Entrevistador: O que você acha da concorrência entre produtos nacionais e importados?**

**Entrevistado:** É concorrência não é uma coisa muito boa né, mas ela existe me todo lugar na nas loja, aqui nois tem concorrência mas fazer o que né tem que ser aceitável a concorrência

**18-Entrevistador: Como os comerciantes do camelódromo se organizam para administrar o espaço?**

**Entrevistado:** Aqui é tudo unido, tem um que acolhe o dinheiro e vai fazer tudo apresenta o papel nois sabe o que que é então todo mundo é ajuda de todo mundo, e que organiza pra fica bonito

**19-Entrevistador: Na sua opinião, essa organização funciona?**

**Entrevistado:** Na minha opinião funciona sim, porque pra luz, pro guarda, pra ventilador, tudo, o dinheirinho certo tudo igual ...e não precisa falar mais nada.

**20-Entrevistador: Se pudesse mudar alguma coisa no condomínio, o que mudaria?**

**Entrevistado:** Se pudesse, a gente deixaria ele um pouco mais espaçoso né pra colocar as coisas pra fora assim espaçoso, mas isso é uma coisa que não vai poder então todo mundo se conformou

**21-Entrevistador: Você tem segurança com esse trabalho? Paga INSS ou outro tipo de previdência? Tem Plano de Saúde?**

**Entrevistado:** Com esse trabalho eu não tenho segurança nenhuma não, mas eu tenho eu eu recebo aposentadoria e eu tenho prano de saúde

**22-Entrevistador: Você pensa em como e quando se aposentar?**

**Entrevistado:** Eu penso em aposentar o quando eu só quando eu não puder trabalhar mais e vim aqui, e prano de saúde eu tenho.

## **Entrevista - Marcos**

**1-Entrevistador: Porque optou por este trabalho?**

**Entrevistado:** Porque não tinha, na época eu me machuquei, não tinha como arrumar outro serviço ai vim pro camelódromo.

**2-Entrevistador: Você está satisfeito com sua opção?**

**Entrevistado:** To bastante satisfeito.

**3-Entrevistador: Em sua opinião, o que tem levado tantas pessoas a optarem pelo trabalho autônomo no camelódromo?**

**Entrevistado:** Por falta de emprego né, na cidade, ai as pessoas optam pelo camelódromo.

**4-Entrevistador: Se pudesse mudar, que tipo de trabalho gostaria de exercer?**

**Entrevistado:** O que exercia antes, mexer com rodeio.

**5-Entrevistador: Quais as dificuldades você tem enfrentado nesse ramo de trabalho?**

**Entrevistado:** O preço da mercadoria né, o dólar está subindo muito e a mercadoria também, fica ruim de vender.

**6-Entrevistador: Como você avalia as ações da prefeitura municipal com relação ao trabalho no camelódromo?**

**Entrevistado:** É a prefeitura ta se empenhando bem assim em ajudar o camelô né, então ta bom, não tenho nada a dizer sobre a prefeitura.

**7-Entrevistador: Como você avalia o imposto cobrado pela prefeitura sobre o uso do solo?**

**Entrevistado:** Eu acho que é bom né a prefeitura cobrar sobre o do solo para poder fazer alguma benfeitoria no camelódromo.

**8-Entrevistador: Como são as relações dos comerciantes do camelódromo com os demais comerciantes da cidade?**

**Entrevistado:** A relação é boa né, porque não influi também né, porque essa mercadoria vem do Paraguai então não influi tanto né no comercio.

**9-Entrevistador: Como se dá a relação com os organismos policiais (PM, PF e Pcivil)?**

**Entrevistado:** É com a policia militar e a policia civil a gente ta bem , mas com a policia federal, o pessoal ta pegando muito em cima sobre a mercadoria do Paraguai que a gente traz então o federal ta marcação né.

**10-Entrevistador: Como você avalia o espaço físico do Box?**

**Entrevistado:** Como assim? (o tamanho do, o espaço), á ta um espaço bom, espaço bom pra trabalhar é o suficiente para trabalhar né pra colocar mercadoria né, porque se por um espaço muito grande não tem como você encher o Box de mercadoria que ai vai muito dinheiro.

**11-Entrevistador: Existem mais pessoas da família envolvidas no negocio?**

**Entrevistado:** Eu e minha esposa.

**12-Entrevistador: Quais as vantagens e desvantagens do trabalho autônomo?**

**Entrevistado:** As vantagens é que a gente é patrão né, e as desvantagens é que você te que trabalhar mais, tem que se empenhar mais no serviço.

**13-Entrevistador: Se você conseguisse um emprego fixo no comércio, deixaria esse trabalho?**

**Entrevistado:** Não, eu não deixaria mais não, eu passei a ser patrão agora, não deixaria mais não.

**14-Entrevistador: Você trabalha com produtos importados?**

**Entrevistado:** Sim, todos os produtos meus são importados.

**15-Entrevistador: De quem os compra?**

**Entrevistado:** Paraguai.

**16-Entrevistador: Se você traz, quais são as dificuldades que enfrenta?**

**Entrevistado:** Todas as dificuldades né, fronteira a viagem em si, de repente a gente vem na viagem o federal para a gente perde toda a mercadoria, são essas dificuldades, a dificuldades de roubo na estrada né, os ônibus são bastante assaltados então tem essas dificuldades.

**17-Entrevistador: O que você acha da concorrência entre produtos nacionais e importados?**

**Entrevistado:** É a concorrência existe porque os produtos importados são bem mais em conta né, então hoje em dia a pessoa procura muito variedade e não qualidade, né então vem aqui no camelódromo comprar porque acha um preço inferior, mais melhor pra comprar né.

**18-Entrevistador: Como os comerciantes do camelódromo se organizam para administrar o espaço?**

**Entrevistado:** É cada um tem seu espaço, tem o seu Box e um espaço que pode ser usado, então nenhum passa desse regulamento que tem é, o espaço já é todo dividido certinho.

**19-Entrevistador: Na sua opinião, essa organização funciona?**

**Entrevistado:** É ultimamente não tem funcionado não, porque o pessoal tem usado acima do espaço que já é permitido, o pessoal tem abusado um pouco, não ta bem correto ainda não, mas a gente vai melhorar bastante isso daqui.

**20-Entrevistador: Se pudesse mudar alguma coisa no condomínio, o que mudaria?**

**Entrevistado:** É primeiramente em si teria que ter uma presidência boa aqui no camelódromo né, pra poder mudar muita coisa, tem bastante coisa errada aqui então precisa de uma administração boa do camelódromo mesmo, pra poder melhorar mais ainda.

**21-Entrevistador: Você tem segurança com esse trabalho? Paga INSS ou outro tipo de previdência? Tem Plano de Saúde?**

**Entrevistado:** É no momento a gente não ta pagando nada a gente ta assim, tipo não tem previdência não tem nada, a gente trabalha ao Deus dará, tipo que é a gente não paga nada aqui.

**22-Entrevistador: Você pensa em como e quando se aposentar?**

**Entrevistado:** É eu pretendo trabalhar até, até quando der né, porque aposentadoria a gente trabalha por conta assim é difícil né, você não paga um INSS, então, vai demorar pra você se aposentar.

## **Entrevista - Marilda**

**1-Entrevistador: Porque optou por este trabalho?**

**Entrevistado:** Porque optei, bom primeiro pelas condições né, de vida que a gente ta levando, era um meio de ganhar dinheiro mais rápido, diferente e nesse ramo eu fiquei já, tem mais de 20 anos.

**2-Entrevistador: Você está satisfeito com sua opção?**

**Entrevistado:** Totalmente, uma boa escolha eu fiz.

**3-Entrevistador: Em sua opinião, o que tem levado tantas pessoas a optarem pelo trabalho autônomo no camelódromo?**

**Entrevistado:** Bom meu caso a parte que eu sou da década de 70 trabalhava já nessa área de artesã né como hippie, mas nos dias de hoje o que levou o pessoal a optar por isso foi a falta de emprego, ta grande né, a economia ajuda o pessoal que só ta em casa, a esposa contribui na renda familiar, então foi isso que ajudou a aumentar o numero de camelôs.

**4-Entrevistador: Se pudesse mudar, que tipo de trabalho gostaria de exercer?**

**Entrevistado:** Bom eu particularmente nenhum outro, seria, continuaria sendo artesã, agora os demais com certeza iriam optar por um emprego melhor, um ganho melhor né, mas eu particularmente não.

**5-Entrevistador: Quais as dificuldades você tem enfrentado nesse ramo de trabalho?**

**Entrevistado:** Dificuldade aqui, assim é complicado porque é muito concorrente né, na minha área tem bastante né, eu trabalho com ramo de bijuterias, na minha tem bastante, mas no resto do pessoal eu tenho notado a dificuldade maior é a concorrência, preço desleal uns mais pobres outros mais ricos, isso existe em toda área do comercio, mas eu acho que aqui no momento é a concorrência.

**6-Entrevistador: Como você avalia as ações da prefeitura municipal com relação ao trabalho no camelódromo?**

**Entrevistado:** Ó uma área política muito complicada da gente falar né, porque de alguma forma eles tentam fazer a parte deles, é da espaço pra trabalhar, mas o

espaço é para o camelô sendo que esses órgãos políticos deveriam dar um outro tipo de ajuda né se tem aonde trabalhar, arrumar emprego industria na cidade, alguma outra coisa desse tipo, não mais Box e mais Box de camelôs igual ta no momento né.

**7-Entrevistador: Como você avalia o imposto cobrado pela prefeitura sobre o uso do solo?**

**Entrevistado:** Eu acho justo né, porque a área que a gente ocupa aqui, ela é publica ela é do povo, ela não é nossa, agora uma vez que a prefeitura deu este espaço pra gente é justo que ela cobre por esse espaço, eu não sou contra, só sou contra meu bolso que nem sobra pra pagar, mas é correto.

**8-Entrevistador: Como são as relações dos comerciantes do camelódromo com os demais comerciantes da cidade?**

**Entrevistado:** Quando o pessoal do comercio em si, eles tem sindicato, eles tem dispesa, quando eles sentem o sapato apertar mesmo, eles chamam né, vem aqui conversam há discussões, aqui também há uma associação, então eles conversam e tentam resolver ou diminuir o numero de produtos ou aumentar preços essas coisas assim, então a relação ainda, ainda é estável não tem aquelas brigas fortes não tem denuncia não tem nada disso ainda.

**9-Entrevistador: Como se dá a relação com os organismos policiais (PM, PF e Pcivil)?**

**Entrevistado:** Bom eu não tenho esse tipo de problemas mais, eles que trabalham com produtos importados tem esses problemas não só lá no Paraguai como no Estado do Paraná onde tem uma fiscalização muito grande aqui na nossa região onde temos aqui a receita federal, eles tem problemas seríssimos eles perdem tudo não tem acordo tem que pedir, tem que ser humilde, mas mesmo assim perde, eles tem problemas seríssimos, principalmente o pessoal também do CD, tem problema com a policia civil, de qualquer forma é tudo ilegal né, a gente vive disso porque tem que viver, mas é tudo ilegal, tem que ter problema mesmo com a policia .

**10-Entrevistador: Como você avalia o espaço físico do Box?**

**Entrevistado:** Pequeno demais, expremido, mas o que a gente tem então não tem nem o que reclamar, se fosse maior a gente estaria reclamando por um maior ainda, é o que a gente tem, mas ele é pequeno.

**11-Entrevistador: Existem mais pessoas da família envolvidas no negocio?**

**Entrevistado:** Tenho, eu tenho mãe, tenho irmãs, são meios de vida hoje, eu tenho filha formada que no fim das contas acabo virando camelô, fazendo crochezinho, irmã estudada, não adianta nada. Na nossa cidade, bom no nosso pais a economia ta assim é, difícil, mas na nossa cidade acho que ta um pouco pior né, então a gente que vive aqui não tem outro meio de vida, tem que ser camelô mesmo.

**12-Entrevistador: Quais as vantagens e desvantagens do trabalho autônomo?**

**Entrevistado:** Bom eu como trabalho há muitos anos como autônoma né, pra mim só tem vantagens, eu tenho liberdade de criação no meu ramo eu tenho liberdade de tempo, espaço, lugar. Agora aqui o pessoal fica assim meio é sabe, limitado a vim pra cá todos os dias, é só este espaço pra trabalhar não pode sair daqui, pra mim é ótimo eu não fico só aqui eu saí fora, eu tenho liberdade no meu ramo, agora eles não, ficam limitados a estarem somente aqui dentro, então pra eles é difícil.



**13-Entrevistador: Se você conseguisse um emprego fixo no comércio, deixaria esse trabalho?**

**Entrevistado:** Não, primeiro que eu não quero um emprego fixo no comércio, primeiro que eu não tenho mais idade pra esse emprego, já passei dos quarenta, depois eu não aceitaria mesmo, meu negócio é ser, fazer o que eu faço do jeito que eu faço, não trocaria.

**14-Entrevistador: Você trabalha com produtos importados?**

**Entrevistado:** Não, eu trabalho só com produtos nacionais, a minha área é a bijuteria né, eu 70% eu confecciono então sou uma artesã de mil novecentos e bolinha então eu não trabalho com importados, a não ser produtos assim pra montagem, as vezes a gente cai nas malhas de comprar o que vende mais barato, é o importado, mas é nacional.

**15-Entrevistador: De quem os compra?**

**Entrevistado:** Eu compro geralmente em São Paulo, diretamente do fabricante de peças ou de revendedores.

**16-Entrevistador: Se você traz, quais são as dificuldades que enfrenta?**

**Entrevistado:**

**17-Entrevistador: O que você acha da concorrência entre produtos nacionais e importados?**

**Entrevistado:** Desleal porque na verdade o produto nacional ele tem qualidade, mas em compensação tem impostos altíssimos, o importado é de má qualidade mas tem impostos baixíssimos, então o preço diferencia, e o que a gente deveria de ganhar aqui dentro na verdade passa pros outros de fora né, pros importados, eu acho desleal a concorrência

**18-Entrevistador: Como os comerciantes do camelódromo se organizam para administrar o espaço?**

**Entrevistado:** Aqui nos temos associação, uma associação né que dita as regras, a gente tem que seguir regras seguir ordens, não é bem assim uma coisa largada que qualquer um toma suas decisões sozinhos, tudo aqui é votado, tudo é conversado, tem que seguir a regra aqui, nos temos uma regra

**19-Entrevistador: Na sua opinião, essa organização funciona?**

**Entrevistado:** No começo foi difícil né porque o pessoal vem da rua, vem assim com uma cabeça muito livre e chega aqui ele sabe que tem leis, tem regras e fica difícil só tão sete anos no camelódromo são sete anos que o pessoal tá aprendendo, no momento tá tudo assim quase que normalizado, quase que se tornando uma civilização.

**20-Entrevistador: Se pudesse mudar alguma coisa no condomínio, o que mudaria?**

**Entrevistado:** É difícil a gente falar o que mudaria porque nos éramos 96 boxes agora são 244 (duzentos e quarenta e quatro), então a gente não tem muito o que mudar aqui dentro, nós, nós não temos o que mudar, o que se muda é o que o que os políticos querem mudar, a prefeitura quer mudar vem aqui simplesmente muda e pronto, a gente não pode fazer nada, não tem mudança nenhuma.

**21-Entrevistador: Você tem segurança com esse trabalho? Paga INSS ou outro tipo de previdência? Tem Plano de Saúde?**

**Entrevistado:** Bom eu ainda tenho né porque é há muito tempo venho do ramo então tenho seguro de saúde seguro, seguro de uma coisa ou outra, sempre tem alguma coisa, agora precisávamos ver se o restante tem, porque tem gente aqui que não tem nem, não leva aqui o dia inteiro nem o que comer, eu ainda tenho os demais eu num.

**22-Entrevistador: Você pensa em como e quando se aposentar?**

**Entrevistado:** Na verdade eu não penso em me aposentar tão cedo né, não tem nem como pensar em aposentar hoje em dia, ninguém né, a gente depende do poquinho que ganha inda mais no nosso ramo de autônomo nunca se sabe o quando é que a fonte vai secar, então se fica sempre tentando, e ano penso em aposentadoria tão cedo ainda.

## **Entrevista - Olívia**

**1-Entrevistador: Porque optou por este trabalho?**

**Entrevistado:** Eu optei por este trabalho porque para mim ficou muito bom, porque ainda tenho uma aposentadoria então mais um para mim seria melhor.

**2-Entrevistador: Você está satisfeito com sua opção?**

**Entrevistado:** Estou muito satisfeita.

**3-Entrevistador: Em sua opinião, o que tem levado tantas pessoas a optarem pelo trabalho autônomo no camelódromo?**

**Entrevistado:** A minha opinião, a minha opinião é a seguinte, eu acho que todos, que todo mundo deve de optar por um trabalho. Certo?, só isso.

**4-Entrevistador: Se pudesse mudar, que tipo de trabalho gostaria de exercer?**

**Entrevistado:** Voltar a lecionar.

**5-Entrevistador: Quais as dificuldades você tem enfrentado nesse ramo de trabalho?**

**Entrevistado:** Sobre o camelódromo você está falando? Olha aqui nenhum, os colegas são muitos bons entendeu não tenho reclamação de ninguém daqui, é excelente.

**6-Entrevistador: Como você avalia as ações da prefeitura municipal com relação ao trabalho no camelódromo?**

**Entrevistado:** Olha sobre isso, vou explicar do meu jeito, sobre isso eu acho que a prefeitura também são poucos que passam por aqui entende, então somos nos mesmos que somos responsáveis por tudo aqui ta, ta bom assim?

**7-Entrevistador: Como você avalia o imposto cobrado pela prefeitura sobre o uso do solo?**

**Entrevistado:** É nos pagamos os impostos de usos de solo viu, obrigado.

**8-Entrevistador: Como são as relações dos comerciantes do camelódromo com os demais comerciantes da cidade?**

**Entrevistado:** Não tudo bem, não tem problema nenhum ta.

**9-Entrevistador: Como se dá a relação com os organismos policiais (PM, PF e Pcivil)?**

**Entrevistado:** Sobre eles passarem aqui, sim eles passam sim, de vez enquanto

**10-Entrevistador: Como você avalia o espaço físico do Box?**

**Entrevistado:** Eu acho muito pequeno tanto o corredor como o nosso espaço aqui, que você está vendo né.

**11-Entrevistador: Existem mais pessoas da família envolvidas no negocio?**

**Entrevistado:** Minha filha, tem uma lojinha aqui atrás.

**12-Entrevistador: Quais as vantagens e desvantagens do trabalho autônomo?**

**Entrevistado:** Olha eu acho que há vantagens trabalhar como autônomo, a gente fica mais liberal.

**13-Entrevistador: Se você conseguisse um emprego fixo no comércio, deixaria esse trabalho?**

**Entrevistado:** Olha eu não deixaria não, porque aqui está excelente.

**14-Entrevistador: Você trabalha com produtos importados?**

**Entrevistado:** Trabalhamos, não só eu como todos os meus amigos.

**15-Entrevistador: De quem os compra?**

**Entrevistado:** Vou repetir, a maioria é os grandes, pessoas grandes, (a sra compra aonde os produtos) á nós, Paraguai.

**16-Entrevistador: Se você traz, quais são as dificuldades que enfrenta?**

**Entrevistado:** É na barra, a barra feia é na ponte onde eles somam toda a mercadoria e nos ficamos as vezes até sem mercadoria.

**17-Entrevistador: O que você acha da concorrência entre produtos nacionais e importados?**

**Entrevistado:** Olha eu acho o importado melhor ainda do que os nacionais, os nacionais são mercadorias que não são bonitas, os importados são lindos a mercadoria.

**18-Entrevistador: Como os comerciantes do camelódromo se organizam para administrar o espaço?**

**Entrevistado:** Os comerciantes do camelódromo, é do jeito que você está vendo o espaço, a gente trabalha desse jeito, mas é ótimo.

**19-Entrevistador: Na sua opinião, essa organização funciona?**

**Entrevistado:** Funciona sim, funciona.

**20-Entrevistador: Se pudesse mudar alguma coisa no condomínio, o que mudaria?**

**Entrevistado:** Eu gostaria se fosse pra mudar, aumentar o espaço mas já que não tem jeito nos continuamos do jeito que está.

**21-Entrevistador: Você tem segurança com esse trabalho? Paga INSS ou outro tipo de previdência? Tem Plano de Saúde?**

**Entrevistado:** Eu tenho plano de saúde, que é a unimed que eu pago né, que eu pago minha, e o restante é por conta de Abreu aqui, que eu já sou aposentada também né, também já sou aposentada do Estado.

**22-Entrevistador: Você pensa em como e quando se aposentar?**

**Entrevistado:** Outra aposentadoria, não por enquanto não, por enquanto eu não pensei em nada disso.